

Frente antifascista vai se definindo

Ato amplia unidade contra Bolsonaro e pela democracia



Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Valdenio Vieira - PR



Guedes esconde fortuna em dólar em paraíso fiscal

Investigadores descobriram empresas milionárias do ministro da Economia, Paulo Guedes, nas Ilhas Virgens Britânicas e de Campos no Panamá. Guedes defendeu regras que beneficiam quem tem dinheiro fora e ganhou R\$ 14 mil por dia só com a elevação do dólar. Além dele, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, também é dono de empresas offshore. As informações vieram a público com a "Pandora Papers" - investigação jornalística baseada em um grande vazamento de documentos. **Pág. 3**

Dezenas de entidades e partidos pela primeira vez juntos contra o golpismo

No dia 2 de outubro, a cidade de São Paulo tornou-se palco de um dos mais importantes atos contra o governo Bolsonaro. Os manifestantes, pedindo impeachment, ocuparam 10 quarteirões da Avenida Paulista. Pela primeira vez desde que os atos começaram,

a manifestação contou com a participação do conjunto dos setores da sociedade que se opõem a Bolsonaro, o que representa um grande avanço para o fim de um desgoverno responsável pela morte de mais de 600 mil pessoas na pandemia, além do desemprego e da pobreza galopantes no nosso país. **Página 3**



Estudantes: "É preciso ampliar as forças para derrotar Bolsonaro"

"É com a frente ampla que a gente vai derrotar o Bolsonaro", afirmaram as entidades estudantis no ato realizado no dia 2, na Av. Paulista. Na foto, Ciro com as principais lideranças estudantis, na manifestação. **Pág. 4**



Bolsonaro perde para Lula, Ciro, Doria e Leite, diz Poder Data

A Pesquisa Poder Data, sobre as intenções de voto para a eleição presidencial de 2022 confirma a tendência de derrota de Jair Bolsonaro, tanto no primeiro turno para Lula, quanto no segundo turno para Ciro, Doria e Eduardo Leite. **Pág. 3**

"Pesquisa" com remédio ineficaz contra Covid-19 omitiu 40 mortes

Estudo para uso da proclutamida contra a Covid-19 no Amazonas omitiu a morte de 23 pacientes que tomaram o medicamento e de 21 que tomaram placebo. **Pág. 4**

80% dos postos de trabalho criados em 1 ano estão na informalidade

Domingos Peixoto - Agência Globo



Disputa por ossos no Rio expõe drama crescente da fome

Uma imagem forte marcou os 1000 dias de desgoverno Bolsonaro. Na Zona Sul do Rio de Janeiro, brasileiros com fome disputam carcaça de boi. A reportagem do jornal *Extra* mostrou a triste realidade de pessoas esperando sua vez de recolher ossos e sebos - sobras de supermercados -, distribuídos pelo 'Caminhão de ossos'. Antigamente os ossos eram para os cachorros, mas hoje, os restos servem de alimento para famílias inteiras. **Pág. 2**

Do total de 7 milhões de vagas a mais no trimestre encerrado em julho, na comparação com o mesmo período de 2020, apenas 1,2 milhão de pessoas foram com carteira assinada. Os 80% dos trabalhadores restantes estão na informalidade, no trabalho precário, sem carteira assinada ou qualquer direito trabalhista. Mais da metade trabalham por conta própria: 3,8 milhões a mais fazendo "bico" na comparação com o mesmo trimestre do ano passado, uma alta de 17,6%. De acordo com a Pnad, o trabalho por conta própria atingiu o patamar recorde de 25,2 milhões de pessoas. **Página 2**

Solidários a Ciro, entidades e partidos repudiam agressões

Pág. 3

80% dos empregos criados em um ano estão na informalidade



Aumento no número de ocupados é puxado pelos trabalhadores informais



Disputa por ossos no Rio expõe o drama da fome sob Bolsonaro

Moradores recorrem ao "caminhão de ossos", antes distribuídos para cachorros

Nos 1000 dias de desgoverno Bolsonaro, brasileiros com fome disputam carcaça de boi, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Na quarta-feira (29), uma reportagem do jornal Extra mostrou a triste realidade de pessoas formando fila no aguardo de recolher ossos e sebos – sobras de supermercados –, distribuídos pelo 'Caminhão de ossos'.

O motorista do caminhão, seu José, comentou que antigamente as pessoas catavam os restos de ossos com carne e sebo para darem para os cachorros, mas hoje, a realidade é que estes restos servem de alimento para famílias inteiras.

"Pedem para comer mesmo. A gente avisa que está meio estragado, que pode passar mal. Mas é assim mesmo. É triste meu irmão", lamentou José Divino Santos, de 63 anos, ao explicar que estaciona o caminhão "ali na Glória toda terça e quinta" com parte das carcaças que foram recolhidas nos supermercados da cidade. "Antigamente vinha aqui uma, duas pessoas, no máximo três. Hoje em dia é isto aqui... muita gente", destacou.

De acordo com os dados do IBGE divulgados hoje (30), são quase 32 milhões de pessoas, entre desempregados e subutilizados, em busca de um trabalho no Brasil que está com a economia paralisada e com a inflação galopante, tirando a comida

da mesa da população.

Segundo dados do IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15), a "prévia da inflação" de setembro chegou a 10,05% no acumulado de 12 meses – ultrapassando os dois dígitos pela primeira vez desde fevereiro de 2016. No acumulado do ano, os preços das carnes fecharam em alta de 10,62% e Aves e ovos com o aumento de 17,19%.

Um levantamento da Rede Brasileira de Pesquisas em Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PEN-SAN) apontou que mais de 116,8 milhões de pessoas vivem hoje sem acesso pleno e permanente a alimentos. Dessas, 19,1 milhões passam fome, vivendo "quadro de insegurança alimentar grave". Os números revelam um aumento de 54% no número de pessoas que sofrem com a escassez de alimentos se comparado a 2018.

Bolsonaro comemorou no início desta semana 1000 dias de seu governo. Questionado sobre a explosão da inflação no país, em entrevista à Jovem Pan, Bolsonaro se fez de bobo, fingiu que não é nada com ele. "Sou um zero à esquerda na economia", disse o inquilino do Palácio do Planalto, jogando a sua responsabilidade para o presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto – isto é, para o mercado financeiro – quanto à solução do problema do descontrolado da inflação. Aliás, Bolsonaro

não representa um "zero à esquerda" só quando se trata de economia.

OAB vai ao STF

No início desta semana, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) protocolou uma ação de Arguição de descumprimento de preceito fundamental (ADPF) no Supremo Tribunal Federal (STF), que obriga o governo Bolsonaro a implementar políticas públicas de combate à fome junto aos governos estaduais, municipais e do Distrito Federal. Para o OAB, "o grave cenário [de insegurança alimentar] vem se acentuando nos últimos dois anos em virtude do desmonte das políticas públicas de combate à fome e distribuição de renda no Brasil", disse o órgão na ação.

O presidente da OAB, Felipe Santa Cruz, lembrou que desde 2010, a Constituição Federal incluiu o direito à alimentação, de forma explícita, em seu artigo 6º.

"Ao conferir um status constitucional ao tema do direito à alimentação como um direito social que deve ser reafirmado expressamente, mesmo que muitos outros dispositivos já o garantissem indiretamente, está sacramento o compromisso do Estado brasileiro de dar prioridade a esse assunto. Compromisso que, como fartamente documentado na ADPF, não tem sido cumprido", disse Santa Cruz.

De 7 milhões de vagas a mais no trimestre encerrado em julho, na comparação com o mesmo período de 2020, apenas 1,2 milhão de pessoas foram com carteira assinada. "É o primeiro aumento no emprego com carteira, desde jan/2020, na comparação anual", diz IBGE

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de pessoas trabalhando cresceu 8,6% no trimestre encerrado em julho de 2021 na comparação com o mesmo período do ano passado. Um total de 7 milhões de pessoas a mais, porém com rendimentos menores.

Desse total, 80% dos trabalhadores estão na informalidade, no trabalho precário, sem carteira assinada ou qualquer direito trabalhista. Mais da metade trabalham por conta própria: 3,8 milhões a mais fazendo "bico" na comparação com o mesmo trimestre do ano passado, uma alta de 17,6%.

De acordo com a Pnad, o trabalho por conta própria atingiu o patamar recorde de 25,2 milhões de pessoas no trimestre encerrado em julho deste ano.

Apenas 1,2 milhão de trabalhadores foram contratados com carteira de trabalho no trimestre encerrado em julho na comparação com o mesmo período do ano passado. "É o primeiro aumento no emprego com carteira, desde janeiro de 2020, na comparação anual", diz o IBGE.

O efeito é dramático, com a precarização do trabalho e rendimento desaba e desaba ainda mais diante da explosão da inflação, com a disparada dos preços dos alimentos, do gás de cozinha, e da energia, agravada agora com os aumentos nas tarifas.

Segundo os dados da Pnad Contínua, divulgados pelo IBGE na quinta-feira (30/9), no trimestre encerrado em julho deste ano, na

comparação com o mesmo período do ano passado, o rendimento médio caiu 8,8%. Isso representa R\$ 242 a menos no fim do mês para os trabalhadores. Em média, segundo a pesquisa, o salário é de R\$ 2.508.

O custo médio da cesta básica, divulgada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, ultrapassa R\$ 600 em várias capitais, mais da metade do salário mínimo. O botijão de gás consome, em várias localidades, 10% do salário mínimo. Sem falar no preço dos alimentos que subiram muito além da inflação e que, tragicamente, vêm sendo substituídos por ossos na mesa de milhares de famílias brasileiras.

Para Daniel Duque, economista e pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da FGV (Ibre/FGV), "de fato, a informalidade cresceu muito durante a pandemia principalmente por conta dos trabalhadores por conta própria sem CNPJ. Esse grupo está maior que antes da pandemia".

"Uma maior informalidade significa trabalhadores com rendimentos mais voláteis, que não sabem muito bem o que esperar no fim do mês, no mês seguinte", declarou Duque ao g1. "Não há qualquer tipo de segurança, benefício ou seguridade. Então, temos um número muito grande de trabalhadores com uma incerteza no mercado de trabalho", afirmou o pesquisador destacando que há "uma série de impactos negativos, que provoca uma melhora aquém do necessário principalmente no que diz respeito ao consumo das famílias".

Tradicional feijão com arroz tem a alta mais longa em oito anos

Com a inflação descontrolada no país, o prato de arroz com feijão – base da alimentação das famílias brasileiras – registra até agosto o período mais longo de altas nos preços dos últimos oito anos. De acordo com estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) com base no Índice Geral de Preços (IGP) – ou seja, os valores do varejo – são 16 meses (desde abril de 2020) consecutivos sem que a inflação dos produtos dê tréguas e apareça abaixo de dois dígitos no período acumulado.

Pelo IGP, a alta média acumulada até agosto nos preços do arroz e feijão é de 23,48%. Em algumas capitais, a variação de preços chega ao absurdo de 31,57% (Porto Alegre) e 29,32% (Brasília). Nesse mesmo período, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da FGV registrou aumento acumulado de 11,71% no preço dos alimentos em geral em 12 meses.

Segundo André Braz, economista responsável pelo estudo encomendado pelo Valor Econômico, a sequência de 16 meses com taxas acima de dois dígitos na inflação no varejo do arroz e feijão (período que vai de abril de 2020 e agosto de 2021) é "preocupante", pois afasta os produtos de forma contínua da mesa das famílias, em especial das mais pobres que já sofrem com o achatamento das rendas e do desemprego.

De acordo com Braz, a fatia dos mais pobres destinada à compra de arroz e de feijão entre os mais pobres é o dobro dos mais ricos. "São produtos de primeira necessidade entre os mais

pobres", destaca. Uma pesquisa realizada pelo Datafolha no começo deste mês aponta que 36% dos brasileiros declararam ter reduzido o consumo de feijão durante a pandemia por conta dos altos preços. No caso do arroz, 34% declararam ter cortado o consumo.

Além do arroz com feijão, o preço do gás de cozinha torna a realidade dos mais pobres ainda mais dramática: no varejo, a alta acumulada do botijão de 12 kg é de 29,02% em 12 meses. Aos consumidores, o preço médio era de R\$ 93,47 até agosto – maior patamar já identificado pela tabela da ANP (Agência Nacional do Petróleo). Sendo que em alguns locais o valor do botijão custa até R\$ 130.

Insegurança alimentar

O corte ou redução do consumo de arroz e feijão entre os mais pobres por conta da escalada de preços é motivo de preocupação em relação aos indicadores de fome e insegurança alimentar e nutricional.

"Quando eu trabalhava no Consea, eu lembro dos especialistas em nutrição falando que a combinação de arroz e feijão no prato do brasileiro dá conta de cerca de 70% das necessidades nutricionais diárias", ressaltou Francisco Menezes, ex-presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). "A medida que o acesso a esses produtos vai se tornando cada vez mais difícil, para população de baixa renda, o impacto nutricional no quadro alimentar dessas pessoas é muito sério", afirma.



Silva e Luna, presidente da Petrobras Diesel acumula aumento de 51% nas refinarias e governo diz que preço vai continuar subindo

A direção da Petrobras anunciou, na terça-feira (28), o aumento no preço do diesel vendido pela estatal às distribuidoras em 8,89%. Um reajuste médio de R\$ 0,25 por litro. O reajuste entrou em vigor na quarta-feira (29). No ano, o diesel acumula alta de 51% nas refinarias.

O anúncio foi feito no dia seguinte à entrevista coletiva do presidente da Petrobras, Joaquim Silva e Luna, na segunda-feira (27), quando afirmou que "não há nenhuma mudança na política de preços da Petrobras". A entrevista ocorreu horas depois de Bolsonaro declarar que debate maneiras de reduzir o preço dos combustíveis, afirmando que "nada está tão ruim que não possa piorar".

"Continuamos trabalhando como sempre trabalhamos, acompanhando os preços [internacionais] para cima ou para baixo", declarou Silva e Luna na coletiva, deixando claro que, com aval de Bolsonaro, a Petrobras continuará tendo seu preços amarrados à política do Preço de Paridade de Importação (PPI) e ao dólar. Com isso os combustíveis, ao lado da energia e dos alimentos, estão fazendo explodir a inflação e correndo a já minguada renda do brasileiro.

O preço médio do litro do diesel no país estava em R\$ 4,707 na semana passada, podendo ser encontrado a máxima de R\$ 6,199 o litro. Segundo levantamento da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

No acumulado do ano até agosto, o óleo diesel subiu 28,02% no país, de acordo com os dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do IBGE.

Na mesma linha de Bolsonaro, Silva e Luna jogou a culpa da explosão dos preços dos combustíveis para o ICMS dos Estados. Segundo ele, o ICMS é um tributo que acaba potencializando a volatilidade no caso de aumento de preços.

No Congresso, parlamentares rebateram o discurso de Silva e Luna afirmando que é graças à política do Preço de Paridade de Importação (PPI) que os preços dos combustíveis dispararam no Brasil.

Para o deputado Edio Lopes (PL-RR), "seria por demais simplista atribuir o elevado preço de combustíveis no Brasil apenas jogando a responsabilidade no ICMS. Em 2011, a gasolina custava R\$ 2,90, e a carga tributária era a mesma dos dias atuais", lembrou.

O deputado, Lucas Vergílio (Solidariedade-GO) disse que "é preciso, urgente, pensarmos uma política de precificação que seja salutar para Petrobras, seus acionistas, mas que não seja danosa para os brasileiros", defendeu Vergílio.

"Temos de ter uma política de preço capaz de não aviltar a situação das famílias do país", disse o deputado Danilo Fortes (PSDB-CE). Para ele, a política de preços da Petrobras prejudica o país, "que vive uma tripla crise (energética, econômica e sanitária)".

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br



HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.F.J 23.250.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deus, 140 Curú-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Escândalo: Paulo Guedes e o presidente do BC escondem fortunas em paraísos fiscais

O ministro da Economia, Paulo Guedes, e o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, são donos de empresas offshore, ou seja possuem dinheiro depositados em paraísos fiscais. As informações vieram a público com a "Pandora Papers", uma investigação jornalística baseada em um grande vazamento de documentos confidenciais de 14 escritórios de advocacia especializados na abertura de empresas em países como Panamá, Ilhas Virgens Britânicas e Bahamas.

São mais de cinco décadas de registros que permitem reconstruir quem, onde e para que foram criadas essas empresas, dados que de outra forma não teriam se tornado públicos. Além da imoralidade que representa a existência das empresas offshore de Guedes e Campos, os dois cometem ilícitos internos ao afrontarem o Código de Conduta da Alta Administração Federal, que proíbe "investimento em bens cujo valor ou cotação possa ser afetado por uma decisão ou política governamental".

Ambos, segundo a investigação do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ, em sua sigla em inglês), criaram empresas em paraísos fiscais e nunca informaram sobre isso à opinião pública, apesar da relevância dos cargos que ocupam no país.

MINISTRO ESPÉCULA COM DOLARES NO EXTERIOR

Guedes aparece como acionista da empresa Dreadnoughts International Group, registrada nas Ilhas Virgens Britânicas.

Atualmente, um seleto grupo de 20.554 pessoas, entre os quais estão Guedes e Campos, possui 204,2 bilhões de dólares em contas declaradas no exterior, segundo o BC. Mas os especialistas calculam que a cifra em dinheiro ilegal é muito superior e seria de um trilhão de dólares.

No último dia do governo de Michel Temer, em 31 de dezembro de 2018, o dólar comercial custava R\$ 3,87. Já, atualmente, cada dólar equivale a mais de R\$ 5. Dessa forma, Guedes lucrou aproximadamente R\$ 14 mil por dia durante os 1.004 dias do governo Bolsonaro.

Agora dá para entender bem por que o dólar não parou de subir no governo Bolsonaro e na administração Guedes. Enquanto mais de 30 milhões de pessoas não conseguem um trabalho decente, enquanto 19 milhões de pessoas sofrem sem ter o que comer, Paulo Guedes, com sua política nefasta, está emolsando através da Dreadnoughts International Group, R\$ 14 mil por dia.

Os documentos mostram que o ministro da Economia possuía em 2014 pelo menos oito milhões de dólares (43,3 milhões de reais, pelo câmbio atual) investidos na companhia, registrada em seu nome e nos de sua esposa, Maria Cristina Bolívar Drumond Guedes, e filha, Paula Drumond Guedes. Esse número subiu para 9,5 milhões no ano seguinte, segundo os documentos obtidos pela investigação, da qual participou a revista brasileira Piauí.

O escândalo é ainda mais grave porque o ministro da Economia foi o responsável por enviar ao Congresso Nacional um projeto da reforma fiscal que, em sua versão atual (o texto saiu da Câmara para o Senado), beneficia quem mantém dinheiro em paraísos fiscais. Ou seja, enviou ao Congresso Nacional uma norma em seu próprio benefício. A proibição de possuir empresas é exatamente poder evitar que "a autoridade pública tenha informações privilegiadas, em razão do cargo ou função."

Poder Data: Bolsonaro perde para Lula, Ciro, Dória e Leite

A Pesquisa Poder Data, sobre as intenções de voto para a eleição presidencial de 2022, divulgada nesta quarta-feira (29), confirma a tendência de derrota de Jair Bolsonaro, tanto no primeiro turno para Lula, quanto no segundo turno para Ciro, Dória, e Eduardo Leite, além do petista.

O presidenciável do PDT, Ciro Gomes, aparece em terceiro lugar em todas as simulações. Já Datena, Dória e Eduardo Leite se alternam na quarta posição, dependendo de quem está disputa. Mandetta (DEM), Rodrigo Pacheco (DEM), Alessandro Viera (Cidadania) e Aldo Rebelo também aparecem entre as alternativas da disputa.

Lula se sai melhor entre mulheres, os que têm de 45 a 59 anos, moradores das regiões Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste e os que cursaram até o ensino fundamental (45%). Já Bolsonaro tem maiores intenções entre homens (41%), os que têm 60 anos ou mais (34%) e moradores das regiões Norte e Sul (44% e 47%).

Ciro Gomes também se sai melhor entre as mulheres e entre os eleitores que têm mais de 60 anos. O Poder Data ouviu 2.500 pessoas em 451 municípios nas 27 unidades da Federação, no período de 27 a 29 de setembro de 2021. A margem de erro é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos. Saiba mais sobre a metodologia lendo este texto.

Fotomontagem/HP

Ato do dia 2 amplia unidade pela democracia e contra Bolsonaro



Ernesto Andrade/HP

Mesmo numa mobilização inicial, a Paulista encheu para ouvir a frente antifascista

Entidades e líderes de partidos repudiam agressões e se solidarizam com Ciro Gomes

Diante das agressões cometidas por pessoas usando camisetas do PT e da CUT a Ciro Gomes; Giselle Bezerra, sua esposa; Carlos Lupi, presidente do PDT Nacional; Antonio Neto, presidente do PDT São Paulo, entre outros dirigentes e militantes do partido.

Além das hostilidades contra o ex-governador do Ceará, comparadas a uma verdadeira emboscada, foram feitas também ameaças, xingamentos e vaias covardes contra a presidente da UNE, Bruna Brelaz, contra dirigentes do PSB, da Rede, do PSDB, da Força Sindical, do Solidariedade, entre outras forças. Membros do PCO, que são reincidentes, também participaram das hostilidades aos participantes do ato.

Confira abaixo a íntegra da nota de repúdio, que segue recebendo assinaturas de apoio.

NOTA DE SOLIDARIEDADE AO CIRO GOMES

Os partidos e entidades que assinam essa nota vêm a público lamentar

e repudiar as agressões físicas sofridas por Ciro Gomes; Giselle Bezerra, sua esposa; Carlos Lupi, presidente do PDT Nacional; Antonio Neto, presidente do PDT São Paulo, entre outros dirigentes e militantes do partido.

A emboscada em que militantes trajados com a camisa da CUT e do PT tentam agredir e jogar objetos contra Ciro e os demais não é um mero fato isolado no "02 de outubro: Fora Bolsonaro!".

Durante toda a manifestação ocorreram ameaças, intimidação e xingamentos por parte de militantes do PCO contra dirigentes da Força Sindical, do Solidariedade, do PSB, da Rede, da UNE, do PSDB entre outras forças. Enquanto ocorriam as falas de diversos companheiros houveram vaias e xingamentos inaceitáveis em um ato democrático, demonstrando que para alguns a democracia é um valor apenas de retórica.

Exigimos que os responsáveis sejam identificados e responsabilizados. Também cobramos o Partido dos Trabalha-

dores (PT) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) para que tomem as providências cabíveis para que fatos como esses não voltem a se repetir.

Em relação ao PCO, fica o nosso repúdio à organização e sua direção. É cobramos que a organização dos atos tome atitudes rígidas já que o grupo é reincidente e insiste em atacar a democracia.

Viva a democracia! Fora fascistas! Fora Bolsonaro!

Até o momento assinam a nota:

Cidadania São Paulo

PSDB São Paulo
PDT São Paulo
Central dos Sindicatos Brasileiros (CSB)

Juventude Socialista

UMES São Paulo
Confederação das Mulheres do Brasil (CMB)

Juventude Pátria Livre (JPL)

MAST - Movimento dos Agricultores Sem Terra

FNL - Frente Nacional de Lutas

Federação das Mulheres Paulistas (FMP)

Ato em Brasília uniu forças e cresceu a mobilização contra Bolsonaro, diz Roberto Freire, do Cidadania

Manifestantes se reuniram novamente em Brasília, na Esplanada dos Ministérios, neste sábado (2), em oposição ao governo e pelo impeachment de Jair Bolsonaro.

Segundo avaliação do presidente nacional do Cidadania, Roberto Freire, que participou do ato em Brasília, a manifestação foi mais numerosa e ampla.

Ainda segundo Freire, o ato mais numeroso, o que "se explica", na opinião dele, em razão da participação de mais jovens e de lideranças sindicais e sociais.

"A crise, econômica e política" se ampliam e dessa forma, as manifestações irão crescer mais ainda, no entendimento do presidente do Cidadania.

"Quem é sincero na defesa da democracia trabalha para ampliar a frente", diz Ciro

Luciana Santos: "momentos de virada só foram possíveis com a junção das forças políticas"

"A junção das forças políticas é fundamental, toda força pelo Fora Bolsonaro é necessária, o momento não é a discussão das eleições de 2022, o momento agora é a luta pelo Fora Bolsonaro", afirmou em entrevista ao HP a vice-governadora de Pernambuco e presidenta nacional do PCdoB, Luciana Santos. A presidenta do

mento do presidente do Cidadania. "O presidente [Jair Bolsonaro] está mais quieto, portanto, dá menos tiro no pé", assim parece que o confronto arrefeceu.

Mas as crises, em particular, a econômica, segundo Freire, "se agrava", o que tornará a crise social mais "perigosa". Todavia, ele disse estar otimista, pois entende que a tendência é a oposição ao governo se ampliar. É o que tem mostrado os atos em oposição ao Planalto.

DERROTAREMOS O FASCISMO E CONSTRUÍREMOS O BRASIL DE TODOS

Segundo o recém-eleito presidente do PCdoB do Distrito Federal, João

para dar o bote". "Quem for honesto, sincero e tiver realmente compromisso em defender o Brasil e sua democracia, tem que fazer por onde alargar interlocuções para todos os democratas, pouco importa seu viés ideológico. Por que? Porque em 2022 nós

temos por ocasião para especializar as nossas diferenças. Eu, por exemplo, tenho uma opinião de que Bolsonaro não existiria se não fossem as antecedências históricas e os erros práticos que nós cometemos, mas eu vou deixar para discutir isso lá em 2022".

Luciana Santos argumentou ainda que "este ato é um momento muito importante, porque são nestas fases de inflexão da história do país que é preciso consolidar essa frente, que vem desde as Diretas Já, na luta para que a gente pudesse ter o colégio eleitoral" em 1984, que derrubou a ditadura".

Vicente Goulart, "hoje no ato, vibrou a força presa na alma do brasileiro, pronta a ser desfraldada como bandeira na ponta das lanças que se aproximam da batalha, da guerra, da vitória esperada de libertação da terra, da libertação da fome, da opressão e do entreguismo que se abate como uma sombra espessa sobre nossas cabeças desprotegidas".

PROCESSO DE AMPLIAÇÃO

"O ato foi maior. Ampliou o número de centrais, partidos", porque "todos são bem-vindos" na luta contra "o governo Bolsonaro e o fascismo", enfatizou o presidente da CTB-DF, Flauzino Antunes Neto.

Quando o recém-eleito presidente do PCdoB do Distrito Federal, João

temos por ocasião para especializar as nossas diferenças. Eu, por exemplo, tenho uma opinião de que Bolsonaro não existiria se não fossem as antecedências históricas e os erros práticos que nós cometemos, mas eu vou deixar para discutir isso lá em 2022".

Luciana Santos argumentou ainda que "este ato é um momento muito importante, porque são nestas fases de inflexão da história do país que é preciso consolidar essa frente, que vem desde as Diretas Já, na luta para que a gente pudesse ter o colégio eleitoral" em 1984, que derrubou a ditadura".

Manifestantes voltaram às ruas pelo impeachment. Adesão dos setores democráticos fortalece a luta contra o fascismo

No dia 2 de outubro, a cidade de São Paulo tornou-se palco de um dos mais importantes atos contra o governo assassino de Jair Bolsonaro. Os manifestantes ocuparam 10 quarteirões da Avenida Paulista, em São Paulo, no protesto pelo impeachment do presidente.

Pela primeira vez, desde que os atos começaram, no primeiro semestre deste ano, as manifestações contaram com a participação do conjunto dos setores da sociedade que se opõem a Bolsonaro, o que representa um grande avanço para o fim de um desgoverno que é responsável pela morte de mais de 600 mil pessoas na pandemia de coronavírus, além do desemprego e da pobreza galopantes no nosso país.

As manifestações contaram com apoio de 21 partidos de diversas vertentes ideológicas, tanto de esquerda, quanto de direita, contra o fascismo de Bolsonaro. Dentre eles: Cidadania, DEM, MDB, PCdoB, PDT, PL, Podemos, Solidariedade, PSD, PSB, PSDB, PSL, PSOL, PT, PV, Rede, UP, PCB, PSTU, PCO e Novo.

O protesto também foi organizado pelo Movimento Direitos Já, Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Comissão Arns, Campanha Fora Bolsonaro, Esporte pela Democracia, entidades do movimento estudantil, sindical, negro, de mulheres, indígenas e de moradia.

Coordenador do Direitos Já, Fernando Guimarães, considerou que o espírito da manifestação é de unidade contra aquele que já é considerado o pior dos governos desde a redemocratização do país. "Esse é o espírito, acho que todo mundo aqui está na construção da frente ampla, deixando as diferenças, tem gente aqui de esquerda, direita. O fundamental hoje é lutar para que tenha democracia, para que a gente possa ter as nossas diferenças", destacou.

Marcelo Ramos (PL-AM), vice-presidente da Câmara dos Deputados, a senadora Simone Tebet (MDB-MT), o deputado Fábio Trad (PSL-RJ), Luiz Henrique Mandetta (DEM) e o ex-senador Aloysio Nunes (PSDB-SP), enviaram mensagens que foram exibidas aos que estavam na Avenida Paulista.

"Estamos ocupando as ruas, pois não aceitamos o preço do arroz a R\$ 30, a carne a R\$ 40 ou mais, o gás de cozinha a R\$ 105. Estamos ocupando as ruas, pois não aceitamos o ódio, a intolerância e o machismo, que tem sido implementado neste país pela lógica autoritária do bolsonarismo", destacou o senador Randolfe Rodrigues durante o ato.

O clima do ato foi o de respeito às diferenças tanto no carro de som, quanto na maior parte dos manifestantes, que saudaram a adesão de diferentes setores à bandeira do Fora Bolsonaro.

Apesar disso, elementos vestidos com a camisa da CUT e do PT, e integrantes do Partido da Causa Operária (PCO), atuaram para sabotar a construção do Fora Bolsonaro, resolveram vaiar e tentaram atirar objetos em Ciro Gomes — depois do ato, quando Ciro se retirava, com sua esposa e com o presidente do PDT, Carlos Lupi, tentaram emboscá-lo numa rua próxima, onde estava seu carro (v. [Desordeiros com camisetas do PT e da CUT agrediram Ciro no ato contra Bolsonaro](#)).

O grupo ainda tentou ensaiar uma vaia quando os discursos defendiam a frente ampla contra Bolsonaro. Os ataques e o sectarismo foram respondidos por Ciro ao encerramento de seu discurso. "Qual é a notícia que nós queremos ver amanhã nos jornais? Que o povo brasileiro uniu-se todo, em diversas agremiações, em defesa da democracia, ou que meia dúzia de bandidos travestidos de esquerda, acham-se donos da verdade? Bolsonaro, a sua hora está chegando, o povo brasileiro é muito maior do que o fascismo de vermelho ou de verde e amarelo".

Veja os discursos das lideranças:

Fernando Alfredo, presidente do PSDB da Cidade de São Paulo

Nós estamos na rua é pelo Fora Bolsonaro. Porque vidas estão sendo ceifadas e o nosso direito à democracia está sendo ceifado. Por isso, sempre que o PSDB for chamado às ruas, estaremos a favor da vida, a favor da democracia, por todos aqueles que se sentem incomodados e atingidos por esse governo genocida.

Juliano Medeiros, presidente do PSOL

Muita gente pergunta: Mas Juliano, será que dá tempo de derrubar o Bolsonaro? Será que nós vamos ter que esperar até 2022? Nada disso, nós estamos demonstrando hoje com a ampliação do nosso movimento, com mais partidos, com mais sindicatos, com mais movimentos que nós não vamos esperar até 2022, a nossa luta é pelo Impeachment Já! E dá pra vencer.

Fernando Haddad, ex-prefei-

to de São Paulo

Isso aqui é uma manifestação suprapartidária contra o governo Bolsonaro. Nenhum brasileiro se sente respeitado e representado por Bolsonaro.

Gleisi Hoffmann, deputada federal e presidenta do PT

Esse ato aqui tem um grande significado. Ele é resultado da construção de uma unidade entre diversas forças políticas.

Marcelo Freixo - deputado federal PSB-RJ

[Derrotaremos Bolsonaro] com maturidade. Quem votou em Bolsonaro pensando que ele representava alguma coisa que ele nunca representou tem que ser acolhido por nós. E quem ainda está com Bolsonaro tem que ser derrotado. Nós não podemos empurrar todo mundo pro Bolsonaro, nós temos que tirar gente do Bolsonaro.

Orlando Silva, deputado federal PCdoB-SP

Hoje é o dia que precisamos dar uma virada. Foram importantes as manifestações contra Bolsonaro, mas vai se criando um ambiente para se ampliar esse movimento.

Antonio Neto, presidente do PDT-SP

O que vai derrubar o Bolsonaro é o supermercado porque as pessoas estão vindo no supermercado o que é a política econômica desse governo, a carestia, o posto de gasolina, o câmbio que são coisas que estão mostrando que a política econômica desse governo é uma política anti-povo, anti-pobre.

Alessandro Molon, deputado federal PSB-RJ

O ato de hoje na Paulista foi tirado como o ato nacional de toda oposição, dos democratas, de todos os partidos que se levantam contra o Bolsonaro em defesa da democracia brasileira.

Elizeu Gabriel, vereador PSB-SP

Estão aqui na Paulista companheiros de todas as situações. Em solidariedade a todos os brasileiros, a todos os trabalhadores que desejam estar aqui para protestar contra a carestia, para protestar contra Bolsonaro.

José Luiz Penna - presidente do PV

Uma pujança dos democratas em relação a um tirano, hoje é uma prova de que nós temos condições de derrubá-lo.

Paulinho da Força - presidente do Solidariedade

Em nome das Centrais Sindicais eu quero saudar a todos os partidos políticos e dizer que nossa presença aqui é pela unidade dos trabalhadores, a unidade dos movimentos sociais, unidade dos partidos políticos para derrotar o Bolsonaro.

MOVIMENTO ESTUDANTIL

Lucca Gidra, diretor da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo

O povo já mostrou que não vai recuar da sua decisão, que é derrotar o Bolsonaro, 70% da população se declarou contra o projeto bolsonarista. E com a frente ampla que a gente vai derrotar o Bolsonaro, só existe uma pessoa, uma pessoa, que perde para a frente ampla: ele se chama Jair Messias Bolsonaro e ele está perdendo, ele vai cair.

Bruna Brelaz, presidenta da União Nacional dos Estudantes

Quando o Brasil chama o desafio sobre a frente ampla, sobre o que tem acontecido no país, com o desemprego, com a insegurança alimentar e também com os retrocessos na educação, a UNE vai pra linha de frente pra organizar atos em defesa da democracia, a construção da frente ampla que temos falado de forma muito objetiva.

MOVIMENTO SINDICAL E SOCIAL

Gláucia Morelli, presidenta da Confederação das Mulheres do Brasil

Esse ato de hoje tem um significado muito grande. Hoje é a nossa unidade de brasileiros em defesa da pátria e do povo que está imperando.

Miguel Torres, presidente da Força Sindical

Entre os quase 600 mil mortos pela pandemia de Covid-19, a maioria esteve entre os mais pobres, os mais necessitados, são eles os que mais sofrem, são os mais atingidos pela carestia, são os que ganham menos, é a população mais sofrida.

Ubiraci Dantas de Oliveira - Bira, vice-presidente da CTB

Qualquer coisa que divida a frente agora é horrível, é ficar olhando para o umbigo, é não perceber que o inimigo principal agora é o Bolsonaro.

Sérgio Nobre, presidente da CUT

É importante a presença de cada militante, companheiros e companheiras que estão aqui na avenida Paulista e no Brasil inteiro, dando uma grande demonstração em todas as capitais e nas principais cidades do país.

Para derrotar Bolsonaro, precisamos ampliar as forças, dizem estudantes

“É com a frente ampla que a gente vai derrotar o Bolsonaro”, destacaram as entidades estudantis no ato realizado na Avenida Paulista no último sábado

O protesto contra o governo Bolsonaro realizado no último dia 2 de outubro, contou com ampla participação dos estudantes e da juventude. Mais uma vez, os jovens comprovam que é nesta faixa etária onde o governo Bolsonaro encontra maior repúdio.

Por todo o país, milhares de jovens foram às ruas contra o governo e denunciaram a política de morte levada a cabo pelo presidente contra o povo do nosso país.

Na Avenida Paulista, a União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo (UMES-SP), a União Nacional dos Estudantes (UNE), a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e a Associação Nacional dos Pós-Graduandos (ANPG), discursaram aos presentes no protesto.

“Os atos contra o Bolsonaro estão cada vez se ampliando mais. O povo já mostrou que não vai recuar da sua decisão, que é derrotar o Bolsonaro, 70% da população se declarou contra uma ditadura, ou seja, se declarou contra o projeto bolsonarista”, destacou Lucca Gidra, diretor UMES-SP.

“Existem dois lados no país, um lado do fascismo, do ódio, da ditadura e existe um lado que está aqui na Paulista hoje, que é o lado da democracia, do amor e da compaixão, o lado que defende o Brasil de verdade, é esse lado que reuniu mais de 20 partidos aqui hoje, que constrói o maior ato contra o Bolsonaro que já existiu, constrói um ato gigantesco, com centrais sindicais, entidades estudantis e o povo brasileiro. É com a frente ampla que a gente vai derrotar o Bolsonaro, só existe uma pessoa, uma pessoa que perde para a frente ampla, e ele se chama Jair Messias Bolsonaro e ele está perdendo, ele vai cair”, ressaltou.

Bruna Brelaz, presidenta da UNE, considerou que o “protesto é o pontapé inicial pra construção de uma frente ampla que possibilite inclusive trazer mais setores para a defesa da democracia e pelo Fora Bolsonaro, hoje nós estamos unidos pra que de forma imediata o impeachment aconteça”.

“A UNE tem se reunido com lideranças de espectros também muito diferentes. A gente viu uma resistência, mas também temos visto muita aceitação que a UNE faça essa articulação. Eu acho que esse é o papel histórico da UNE. Nessas 84 anos de nos abster do

debate de Brasil. Quando o Brasil chama o desafio sobre a frente ampla, sobre o que tem acontecido no país, com o desemprego, com a insegurança alimentar e também com os retrocessos na educação, a UNE vai pra linha de frente pra organizar atos em defesa da democracia, a construção da frente ampla que temos falado de forma muito objetiva”.

Rozana Barroso, presidenta da UBES, afirmou que o projeto de Bolsonaro é impedir que os estudantes negros, da periferia, indígenas tenham acesso à educação. “Para ele, nosso lugar é na rua vendendo jujuba. Para ele, o nosso lugar é burlando o sistema de aplicativo de entrega para trabalhar, ele nos quer fora da escola, ele nos quer fora da universidade. Mas hoje, mais um capítulo da nossa história de resistência, os estudantes brasileiros ocupam a avenida Paulista e todo o país para dizer: aqui não! Vai ter estudante no ensino médio, vai ter estudante entrando na universidade, vai ter estudante fazendo o ENEM e Bolsonaro não vai impedir os nossos sonhos, Bolsonaro não vai impedir o nosso futuro. Os estudantes brasileiros são maiores que esse governo genocida, porque se eles querem fechar as escolas, nós aprovamos o FUNDEB; se eles querem acabar com o ENEM, nós lutamos pelas cotas se eles querem deixar o povo brasileiro com fome, nós lutamos pela merenda escolar”.

A presidenta da ANPG, Flávia Cale, ressaltou que a “política de genocídio que se deu no combate à pandemia, mas que se dá quando não se tem comida no prato da maioria do povo brasileiro. Esse genocídio precisa acabar e esse genocídio que nos uniu no dia de hoje. É verdade ou não é verdade que esse é o maior ato Fora Bolsonaro desde que voltaram as mobilizações? É verdade, é o maior ato. Porque nós conseguimos colocar em prática o que já vimos dizendo há muito tempo. É preciso construir a frente ampla, é preciso acolher nas ruas todos aqueles e todas aquelas que defendem que o Bolsonaro tem que sair imediatamente da presidência da República”.

“É preciso construir maioria política e social para garantir que o impeachment seja aprovado já e não amanhã. Porque amanhã vai ter mais gente morrendo de fome, amanhã, vai ter mais mulheres sendo silenciadas como alguns tentam fazer nesse ato”, completou.

Pesquisa com remédio ineficaz contra Covid-19 omitiu ao menos 40 mortes na cidade de Manaus

Um estudo para uso da proclutamida contra a Covid-19 no Amazonas, os pesquisadores omitiram a morte de 23 pacientes que tomaram o medicamento e de 21 que tomaram placebo. A pesquisa teve a participação de 645 pacientes e foi apoiada e patrocinada pelo Grupo Samel, rede de hospitais e planos de saúde.

Em janeiro, o estudo foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética e Pesquisa, do Conselho Nacional de Saúde (Conep), órgão que fiscaliza as pesquisas científicas no país, e realizado entre fevereiro e março.

Na apresentação dos resultados, em 11 de março, em um hospital da Samel em Manaus, os pesquisadores afirmaram que houve 12 mortes, entre os 317 pacientes que tomaram proclutamida. Já entre os 328 que tomaram placebo, foram 141 mortes.

Mas os pesquisadores informaram em uma publicação no site Clinical Trials, em junho, que foram 35 óbitos entre pessoas que usaram a droga e 162 entre as que usaram placebo.

Segundo os pesquisadores, o estudo não incluiu pacientes intubados, que são os que têm mais risco. No entanto, as divulgações não dão detalhes sobre a situação clínica dos participantes nem sobre o tratamento oferecido, além da proclutamida.

O período para aferir a mortalidade também é outra diferença entre os dados apresentados.

Na apresentação em Manaus, a taxa de mortalidade entre os pacientes que tomaram a proclutamida foi de 3,7%. Entre os que usaram placebo, de acordo com os pesquisadores, foi de 47,6%. Nesse caso, foi usado como referência um período de 14 dias.

Já no site Clinical Trials, a mortalidade entre os que tomaram a proclutamida foi de 11%. Entre os que usaram placebo, foi de 49,39%. O período aqui foi de 28 dias.

Inicialmente, a proclutamida foi testada para câncer de próstata e só depois para covid. A forma como foi conduzido e os resultados do estudo estão sendo alvo de investigação criminal no Ministério Público Federal (MPF) do Amazonas. A pesquisa foi denunciada pela Conep, que pediu a apuração da Procuradoria Geral da República (PGR).

A Conep afirma que o número absoluto e percentual de mortes totais do estudo são completamente fora do padrão e que os pesquisadores descumpriram os termos propostos – e aprovados pela comissão.

A hipótese de fraude nos dados também é apontada, já que há inconsistências nos resultados. A comissão, os pesquisadores afirmaram que, no total, 200 pacientes morreram – incluindo os que tomaram proclutamida e placebo. Entretanto, em situações anteriores, para a Conep, falaram em 170 e 178 mortes.

O estudo coordenado pelo médico Flávio Cadeigiani foi aprovado pela comissão em 27 de janeiro, mas suspenso em maio (já após a finalização) porque os membros da comissão perceberam as irregularidades.

A Conep quer saber agora quais os números reais dos estudos e detalhes sobre as mortes.

“Pode ter havido mais mortes, não temos como ter certeza porque pedimos detalhamento, e eles se recusaram a fornecer. Se os dados são verdadeiros, eles teriam de ter passado o grupo placebo para receber a proclutamida, o chamado cross-over; e não assistir passivamente essa quantidade de óbitos”, disse Jorge Venâncio, coordenador da Conep.

“Essa conta não fecha, e nem a versão deles bate. Agora o que foi feito na realidade precisa realmente de uma investigação com poder de polícia, para apreender os documentos necessários e esclarecer o que houve”, diz Venâncio.



Representantes das entidades estudantis no ato Fora Bolsonaro de 2 de outubro



Na Paulista, manifestantes denunciaram a política genocida de Bolsonaro na pandemia e que se dá quando não se tem comida no prato dos brasileiros



Largo Glênio Peres, no centro histórico de Porto Alegre foi tomado pelo protesto

Manifestantes protestam contra o governo Bolsonaro e lotam o centro de Porto Alegre

Nesse dia nacional de mobilização, milhares de pessoas se reuniram no Largo Glênio Peres, Centro Histórico de Porto Alegre, pelo impeachment de Bolsonaro. A concentração começou por volta das 15 horas e, em seguida, os manifestantes saíram em passeata pelas ruas da região, percorrendo as imediações do Mercado Público e da Trensurb, passando pela Av. Júlio de Castilhos e cruzando o Túnel da Conceição em direção ao Largo Zumbi dos Palmares, no bairro Cidade Baixa.

Os atos foram convocados nacionalmente por uma ampla gama de partidos e entidades. Dentre os partidos estão Cidadania, DEM, PSDB, MDB, PSD, PSL, PL, Podemos, Solidariedade, Novo, PSB, PDT, PCdoB, Rede, PV, PSol, PT, UP, PCO, PCB e PSTU. Também convocaram os atos as centrais sindicais, entidades estudantis e movimentos sociais.

O espírito da manifestação é de unidade contra aquele que já é considerado

o pior dos governos desde a redemocratização do país.

O presidente estadual do PCdoB, ex-deputado estadual Juliano Roso, exaltando a aliança formada para garantir o impeachment, afirmou que “Bolsonaro um dia será julgado e condenado pelos crimes cometidos contra a saúde pública na gestão da pandemia”.

A deputada estadual, Juliana Brizola (PDT), também comemorou a unidade e disse que “nós temos divergências, é claro que temos, mas estamos unidos porque sabemos que a continuação de Bolsonaro na presidência da República significa a fome, a miséria, significa a morte de milhões e milhões de brasileiros”.

“Bolsonaro tem que sair alçado do Palácio do Planalto e nós do PDT temos muito importante para contribuir nessa luta, porque nós viemos de longe, Leonel Brizola já liderou a campanha da legalidade, enfrentou os poderosos e nós não temos medo. Estamos juntos porque sabemos que é algo muito maior, que nós temos que salvar o povo brasileiro

da morte, da falta de comida, da falta de emprego - são 14 milhões de desempregados neste Brasil”, completou a parlamentar.

“O povo brasileiro não aguenta mais, ele quer voltar a ser feliz, ter esperança e dignidade. Esse governo genocida, que já matou 600 mil pessoas, fez o país voltar a conviver com a fome e a miséria, não pode continuar”, destacou o deputado federal Paulo Pimenta (PT).

Anderson Farias, presidente da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Porto Alegre (UMESPA), comemorou que nesses atos tenham contado com mais grupos políticos pelo país a fora. “Hoje é mais um dia em que os estudantes, movimentos sociais, trabalhadores e partidos políticos se unem contra essa política genocida do governo Bolsonaro. Estamos nas ruas independentemente das divergências para derrubar Bolsonaro e essa política que já matou quase 600 mil pessoas”, disse Anderson.



Carlos escapou da morte porque a família o tirou da Prevent e o removeu para outro hospital

“Eles me davam kit-covid, mas não me davam oxigênio”, disse paciente que escapou da Prevent

O escândalo envolvendo o plano de saúde Prevent Senior, acusado de prescrição em massa de remédios sem eficácia no tratamento da Covid-19, ganhou um novo capítulo com as denúncias do químico aposentado Carlos Alberto Reis, de 61 anos, beneficiário do plano há quatro anos.

Ele sobreviveu a um quadro gravíssimo da doença e a 35 dias de UTI, apesar da assistência médica e hospitalar recebida na rede credenciada da operadora.

As informações são do jornal “Folha de S.Paulo”. Segundo a reportagem, logo na primeira visita ao pronto-atendimento, Carlos voltou para casa com um “kit Covid”. Dos retornos, foi mandado para casa, com mais “kit-Covid”, mesmo quando sua tomografia indicava 50% do pulmão comprometido pela doença.

Com a evolução da doença, foi finalmente internado. Porém, enquanto os tratamentos que podiam, de fato, beneficiá-lo eram deixados de lado, foi submetido, sem consentimento, a uma terapia experimental com flutamida, medicação indicada para câncer de próstata. Também teve dados alterados em seu prontuário.

“Eles me davam kit Covid, mas não me davam oxigênio!”, contou Carlos. “Como é que eu iria melhorar se eu não conseguia nem respirar?”, questionou, relatando que ficou com sequelas graves, difíceis de dissociar do tratamento conduzido pela operadora de saúde. “Eu poderia ter morrido se não fosse a minha família”, completou.

Carlos só se lembra de trechos da história porque esteve inconsciente na maior parte dela. Entretanto, quatro meses depois de receber alta hospitalar, Reis apresenta lesões pulmonares, insuficiência renal e paralisia do braço direito. Faz fisioterapia e inalações duas vezes ao dia.

Quando sentiu os primeiros sinais de mal-estar, no dia 9 de março, o paciente contou que foi ao pronto-socorro de uma unidade da Prevent na zona oeste de São Paulo e voltou para casa com seu “kit Covid”, mesmo antes da confirmação da doença. Começou de imediato o tratamento com remédios fornecidos pelo próprio plano.

Sua saúde piorou e ele voltou ao pronto-atendimento mais de uma vez, mas só foi internado quando a tomografia acusou 70% do pulmão comprometido. Aguardou mais de 24 horas por um leito, sentado numa cadeira do pronto-socorro. E, 12 dias depois dos primeiros sintomas, foi internado no hospital Sancta Maggiore Dubai, da Prevent Senior.

O tratamento que recebeu no hospital da operadora é relatado por ele e por familiares.

“Estava muito mal. Foi meio violento o que eu tive. Disseram que era a nova variante”, conta Carlos. “Mas me internaram e me deixaram num canto”, diz ele.

“Meu pai levou um oxímetro e um termômetro pra internação. E, como a família não podia entrar na internação por causa dos protocolos, ele mesmo checava temperatura e saturação do sangue e mandava áudios de WhatsApp pra gente com essas informações”, lembra a filha mais velha, Bianca Reis.

“Ele sempre estava com febre alta, mas o relato das equipes era de que ele não tinha febre. Ele percebeu que ocorriam erros. Foi desesperador”, conta ela.

“Quando você contrata um plano de saúde, pensa que esse plano vai fornecer o tratamento de que você precisa. Mas o hospital não nos deu opção”, afirma Bianca Reis, filha de Carlos. “A gente ficou meio em choque com essa situação toda”.

“Querer respirar e não conseguir é uma coisa que machuca muito a gente”, traduz o químico aposentado. “Dá vontade de se jogar para que alguém te socorra.”

A família decidiu contratar um infectologista indicado por amigos para uma avaliação externa do quadro clínico de Carlos.

Em laudo, o médico particular descreveu ter encontrado Carlos sem monitoração, com saturação de 78% (quando o normal é acima 95%), febre, dificuldade para respirar e em “estado de consciência rebaixado”. “Sem os cuidados necessários, mesmo diante da gravidade do quadro”, concluiu. Para ele, Carlos já deveria estar intubado faz tempo.

Diante da resistência do responsável imediato por Carlos, o infectologista procurou o diretor do hospital para falar do risco de morte do paciente. “Em 5 minutos, uma semi-UTI foi montada no quarto onde ele estava”, descreve o laudo médico. Naquela mesma noite, Carlos foi para a UTI.

Dias depois, ao ver resultados ruins de exames do pai pelo aplicativo da Prevent Senior, Bianca questionou o médico plantonista sobre as condições adotadas.

Só então ela descobriu que Carlos deveria estar na posição de pronação, em que o paciente fica de barriga para baixo para melhorar a ventilação de seus pulmões. Não estava porque essa posição requer o uso de um medicamento que estava em falta, o bloqueador neuromuscular (BNM). Sem pronação, lhe disse o infectologista particular, o quadro gravíssimo não poderia ser revertido.

Metroviários e Governo de SP fazem acordo e sindicato ficará com sede



Parlamentares intermediaram negociação entre o governo e o sindicato



Congresso derruba veto à suspensão da prova de vida de aposentados do INSS

O Congresso Nacional derrubou o veto de Bolsonaro ao projeto que suspende até 31 de dezembro a exigência de prova de vida para aposentados e pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

A votação aconteceu na noite de segunda-feira (27), quando deputados e senadores também rejeitaram outros vetos desumanos do presidente, como ao projeto que proibia despejos durante a pandemia.

A prova de vida, exigência para a manutenção do benefício, foi suspensa em 2020 em razão da pandemia. Em junho deste ano, ela foi retomada, mas, após protestos e reivindicações de entidades de aposentados e pensionistas como a COBAP, CNAPS, entre outras, o Congresso aprovou a suspensão da exigência até o final deste ano, mas o texto

foi vetado por Bolsonaro.

Em sua justificativa ao veto, Bolsonaro disse que a suspensão poderia levar a "fraudes e pagamentos indevidos" do benefício.

A medida afeta a vida de mais de 7,3 milhões de segurados do INSS, que poderiam ficar sem o pagamento de seus benefícios caso não comparecessem à prova de vida anual.

Para o presidente da COBAP, Warley Martins, a suspensão da exigência ainda é muito importante, pois, "apesar da vacinação, surgiram outras variantes que ainda colocam em risco a vida e a saúde dos idosos. A Prova de Vida só deve retornar quando o cenário estiver seguro para a sua realização", disse.

A favor do veto, o senador Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ) declarou que o público idoso "está com uma imunidade

suficiente para voltar à normalidade".

Para a senadora Simone Tebet (MDB-MS), no entanto, a prova de vida para essa parcela da população ainda é difícil.

"Nós estamos exigindo prova de vida de idosos acamados, idosos que, muitas vezes, não têm celular ou, se têm, às vezes têm dificuldade em manusear; não têm um computador, não têm dinheiro para poder abastecer seu celular e poder ter internet", disse a senadora contra-argumentando os governistas que defendiam que a prova de vida poderia ser feita de forma virtual.

"Temos que procurar, no mínimo, facilitar um pouco a vida tão difícil dessas pessoas que necessitam desse auxílio", afirmou o senador Nelson Trad (PSD-MS), ao defender a derrubada do veto.

Policiais Civis: "Privatização de serviços essenciais é absolutamente inaceitável"

A Confederação Brasileira de Trabalhadores Policiais Civis (Cobrapol) repudiou a aprovação da PEC da reforma administrativa pela Comissão Especial da Câmara no último dia 23.

Mesmo com o acatamento parcial da emenda apresentada pelo deputado Léo Moraes (PODE-RO), que caracteriza os policiais civis como carreira típica de Estado, segundo o presidente da entidade, André Luiz Gutierrez, a PEC "ainda representa um grande retrocesso para nossas categorias da segurança pública e os servidores públicos de modo geral".

A votação da PEC 32, marcada por protestos de entidades de servidores públicos e de deputados contrários ao projeto, teve mudanças de última hora no relatório e manobras do governo, que substituiu deputados governistas às pressas para garantir a aprovação.

A COBRAPOL, que acompanhou os trabalhos da Comissão desde o início da semana passada, classificou a votação como um "tratadora"

co" por parte dos apoiadores da PEC, quando incluíram, de última hora, quatro parlamentares do partido Novo que apoiam o substitutivo apresentado pelo deputado Arthur Maia (DEM-BA).

O presidente da COBRAPOL também criticou a postura do presidente da Comissão, deputado Fernando Monteiro (PP-AL), do mesmo partido do prelado da Câmara, Arthur Lira: "ele simplesmente numa atitude monocrática e arbitrária descartou a possibilidade de votação do destaque à emenda 59, do deputado Léo Moraes (RO), que buscava excluir os policiais civis da vedação de recebimentos proibidos pela PEC aos demais servidores públicos, como adicional por tempo de serviço e licença-prêmio".

Gutierrez assinala que, "além das ameaças que continuam pairando sobre nossos direitos, o texto aprovado mantém instrumentos que incentivam a privatização dos serviços essenciais, o que é absolutamente inaceitável", avaliou.

Ele também assinala que outros pontos estão sendo considerados muito prejudiciais aos servidores públicos em geral, como a possibilidade de redução salarial com redução de jornada; regras sobre contratação temporária, que foram ampliadas, tendo retornado o limite temporal de 10 anos para contratos temporários como regra de transição; e a possibilidade de demissão do servidor estável em caso de lei definir o cargo como desnecessário ou obsoleto, aplicável aos atuais e futuros servidores, e que poderá ser objeto de regulamentação por medida provisória.

Ele reforça que a COBRAPOL, ao lado das demais representações da segurança pública e do funcionalismo continuarão lutando pela não aprovação da PEC no plenário da Câmara dos Deputados, onde, para ser aprovada, precisará, de pelo menos 308 votos favoráveis, em dois turnos; e, depois, também dois turnos, no Senado, com 41 votos favoráveis.



Metalúrgicos da GM entram em greve em São Caetano do Sul

Em assembleia realizada nesta sexta-feira (19), os trabalhadores da General Motors, em São Caetano do Sul (SP), aprovaram greve por tempo indeterminado contra a proposta salarial da empresa.

Após sete rodadas de negociação entre o sindicato e a direção da empresa, que não cedeu em nada às reivindicações da categoria, os metalúrgicos da GM decretaram estado de greve na última quarta-feira (29), decisão confirmada nesta sexta, com a aprovação da paralisação.

Os trabalhadores estão com reajuste salarial abaixo da inflação há três anos, enquanto no segundo trimestre deste ano, a multinacional teve lucro líquido de 2,8 bilhões de dólares, o que, segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul, "reverteu todo o prejuízo atribuído à pandemia".

A categoria reivindica reposição salarial com base no INPC acumulado nos últimos 12 meses, aumento real de 5% e Piso Salarial com correção pelo INPC de 2016 a 2021, entre outros benefícios, e também denuncia a perda de direitos já conquistados.

A contraposta feita pela empresa, e rejeitada pelos metalúrgicos, foi de reposição integral da inflação a ser aplicada aos salários em 1º de fevereiro/2022, mais 50% do INPC do período, com aplicação em fevereiro de 2023.

"Não nos restou outra alternativa senão paralisarmos as atividades da empresa, pois a contraposta feita na mesa de negociação está aquém do que estamos reivindicando", afirmou o presidente do Sindicato, Aparecido Inácio da Silva, o Cidão. Segundo ele, os trabalhadores seguem de braços cruzados até que nova contraproposta seja apresentada.

Eles defendem também a estabilidade no emprego para todos os lesionados. Atualmente, apenas quem foi contratado antes de 2017 têm direito a esse benefício. A montadora quer manter a exclusão dos novos dessa cláusula, e ainda reduzir o período de estabilidade dos antigos.

Segundo Cidão, "ainda que se reconheça a existência de dificuldades devido a pandemia os trabalhadores necessitam ter o seu salário reajustado em conformidade com a inflação acumulada, hoje em 10,42%, mais aumento real, uma vez que o seu poder de compra vem sendo corroído pela alta do custo de vida resultante da inflação galopante".

"Com o aumento dos preços e a inflação galopante, as dívidas não esperam, não podem ser parceladas. É um absurdo a GM ter a cara de pau de querer aplicar a inflação da data-base apenas no ano que vem. Nós estamos juntos nessa luta e vamos pra cima ao lado dos companheiros de São Caetano", afirmou Luiz Carlos Prates, o Mancha, da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas.

Caminhoneiros após aumento do diesel: "Estamos no limite"

O novo aumento de 8,89% no preço do diesel vendido pela Petrobrás às distribuidoras, anunciada nesta terça-feira (28), somado à inércia de Bolsonaro diante das reivindicações dos caminhoneiros causaram indignação na categoria, que não descartou um movimento de greve no próximo período.

Em reunião no início deste mês, as entidades representativas dos caminhoneiros decidiram se unir e atuar em conjunto pelas pautas da categoria, como o piso mínimo do frete a mudança na política de preços dos combustíveis. E a decisão sobre a greve deve ser tomada no próximo encontro das entidades, marcado para 16 de outubro, no Rio de Janeiro.

Segundo o presidente do Conselho Nacional do Transporte Rodoviário de Cargas (CNTRC), Plínio Dias, "tem vários motoristas querendo parar, mas tudo vai depender desse encontro no Rio".

No entanto, conforme afirmou à coluna de Chico Alves, do UOL, "nossa intenção não é essa e sim sentar e dialogar pra todos saírem com ótimas condições de trabalho, sem ter que paralisar nosso país".

O presidente da Associação Brasileira dos Condutores de Veículos Automotores (Abrava), Wallace Landim, o Chorão, considera que diante do elevado preço do combustível, é possível que os caminhoneiros decidam pela greve.

"Estamos avisando que estamos no limite. O combustível está subindo sucessivamente. Precisamos tomar uma atitude mais enérgica", disse.

Ele também defende que a mobilização seja mais ampla, não apenas dos caminhoneiros. "Não concordamos, porém, que isso seja feito somente pelos caminhoneiros. É preciso incluir todo o setor de transporte como taxistas e motoristas de aplicativos, que também são afetados pelo preço do combustível".

Segundo Chorão, a categoria "está desacreditada" com as promessas de Bolsonaro, e criticou a atuação do governo em relação ao preço do diesel. "O presidente precisa parar de transferir a responsabilidade e fazer política. Não é possível o chefe da Nação fazer discurso dizendo que não é mágico e que o problema está nos governadores", afirmou.

Em entrevista à revista Fórum, o presidente do Sindicato das Empresas Transportadoras de Combustível e Derivados do Petróleo de Minas Gerais (Sinditanque-MG), Irani Gomes, disse que a greve pode acontecer "a qualquer momento".

"Nós estamos pedindo para o governo, seja o federal, estadual, a Petrobrás, que venha reduzir o preço abusivo que está o óleo diesel. Nós não conseguimos mais trabalhar. A corda está esticando. Estamos vendo a hora que o Brasil vai parar novamente, como aconteceu em 2018", afirmou Irani.

Para o secretário nacional da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística (CNTTL), Carlos Alberto Litti Dahmer, "o fantasma da greve ronda sempre, mas precisamos evoluir para chegar nela. É um processo".

Governo Doria se comprometeu a comprar o terreno e fixar contrato com a entidade

Após meses de mobilização, o Sindicato dos Metroviários de São Paulo conquistou acordo com o governo de João Doria (PSDB) que garante a manutenção da sede da entidade. O acordo suspende a reintegração de posse do terreno onde a entidade funciona desde 1980.

A negociação ocorreu em reunião, na quarta-feira (29), entre o vice-governador Rodrigo Garcia e o secretário de Projetos e Ações Estratégicas Rodrigo Maia com os deputados federais Orlando Silva (PCdoB) e Carlos Zarattini (PT), o vereador Antonio Donato (PT), e Carlos Juruna, secretário-geral da Força Sindical, também representando o deputado federal Paulinho da Força (Solidariedade).

O terreno, onde funciona a sede do sindicato em regime de comodato, foi leiloadado há cerca de quatro meses. De lá para cá, o sindicato luta pela manutenção da sede, com apoio das centrais sindicais, parlamentares e movimentos sociais.

No encontro, o governo se comprometeu a comprar o terreno do Metrô e fixar um contrato de concessão de longo prazo com o Sindicato.

"Essa é uma importante vitória dos metroviários que se mobilizaram e tiveram o apoio de diversos movimentos populares, centrais sindicais e parlamentares. Depois de meses de lutas, ações, atividades políticas e culturais e uma forte greve, chegamos a essa conquista", afirma o sindicato.

Adilson Araújo, presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), declarou ao HP que "empreendemos todos os esforços para unir as centrais sindicais, bem como na ampliação do diálogo com o Governo. Desde a primeira hora destacamos o Coordenador Geral Wagner Fajardo à representação da CTB, no Fórum de Diálogo com o Governo, exatamente para que, além de participação dos debates, pudesse externar o quanto era imperativo a sede continuar nas mãos da categoria metroviária".

O dirigente da Força Sindical, Juruna, também afirmou que "a luta que os metroviários desenvolveram foi fundamental em torno da defesa da sua sede, mas o impasse só foi quebrado porque fomos capazes de colocar na mesa dirigentes partidários que ajudaram. O Paulinho da Força, do Solidariedade, o Orlando Silva, do PCdoB, o Zarattini, do PT, que negociaram com o ex-presidente da Câmara, Rodrigo Maia, e fizeram uma reunião com o vice-governador, Rodrigo Garcia. E nessa conversa foi acordado que seria importante colocar também a questão da convenção coletiva da categoria", disse Juruna.

Comissão da Segurança Pública pede rejeição integral da PEC 32

"A PEC 32 perdeu sentido e credibilidade até perante quem a defendia. As disposições nela contidas irão gerar caos institucional, insegurança jurídica e prejuízos totais à segurança pública e outros serviços essenciais no país", afirmam em manifesto diversas entidades de servidores da área de segurança pública, juntamente com o presidente da Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado da Câmara, deputado Emanuel Pinheiro Neto (PTB-MT), em repúdio à proposta de reforma administrativa que tramita no Congresso Nacional.

No manifesto, os signatários repudiam o texto da PEC, que propugna "perspectiva de terceirizações, avaliação de desempenho por critérios pouco objetivos, possibilidade de declaração unilateral de desnecessidade de cargos e retribuição salarial com redução da jornada com total insegurança jurídica e institucional".

As entidades afirmam que mesmo as emendas no relatório final, que incluem os servidores do setor de segurança pública como carreiras de Estado, "não foram suficientes", e que o manifesto lançado nesta terça-feira (29), apesar dos "afagos do governo, aponta uma posição clara das entidades e categorias contra a íntegra da PEC 32, criando uma grande unidade do serviço público para derrotar a reforma administrativa".

"O relatório da PEC 32,

nos anima a seguir lutando e acreditando que somente com luta e perseverança venceremos. Precisamos seguir mobilizados em defesa da democracia, da soberania e dos direitos. Lutar incansavelmente pelo sistema metroviário público. A sede nas mãos da classe trabalhadora servirá também como mais uma trincheira contra à PEC 32, que continua sendo uma séria ameaça ao Brasil e ao povo brasileiro. É indispensável continuar a luta pelos nossos direitos. Está comprovado: quem luta conquista. Seguimos mobilizando, debatendo e conscientizando o povo por um Brasil humano e menos desigual".

O deputado Orlando Silva comemorou a conquista e destacou o avanço do diálogo com o governo estadual. "Estivemos com o vice-governador, que sinalizou um caminho para que o sindicato possa permanecer naquele local. E, mais do que isso, avançamos no entendimento sobre o acordo coletivo para os próximos dois anos".

"A luta mostrou um caminho e vamos seguir. Vamos unificar cada vez mais a luta popular, a luta para derrubar Bolsonaro, a luta para defender a democracia, derrotar os fascistas. E isso passa, necessariamente, pelo fortalecimento do movimento sindical. Tenho muito orgulho de ter sido parte dessa construção, mas é uma batalha que ainda não acabou. Ainda está em curso, mas tenho convicção de que teremos um desfecho favorável nas negociações de reajustes salariais e a garantia da organização do sindicato dos metroviários", ressaltou.

O dirigente da Força Sindical, Juruna, também afirmou que "a luta que os metroviários desenvolveram foi fundamental em torno da defesa da sua sede, mas o impasse só foi quebrado porque fomos capazes de colocar na mesa dirigentes partidários que ajudaram. O Paulinho da Força, do Solidariedade, o Orlando Silva, do PCdoB, o Zarattini, do PT, que negociaram com o ex-presidente da Câmara, Rodrigo Maia, e fizeram uma reunião com o vice-governador, Rodrigo Garcia. E nessa conversa foi acordado que seria importante colocar também a questão da convenção coletiva da categoria", disse Juruna.

infelizmente, é permeado de contradições e não pode ser aprovado. Por isso manifestamos à Nação brasileira posição CONTRA a PEC 32, intitulada Reforma Administrativa sob pena de danos irreversíveis ao país", afirmam.

As entidades alertam que o setor de segurança pública e a sociedade estarão atentos "a cada parlamentar a favor ou contra esta PEC, que sequer confronta os reais privilégios que criam distorção no serviço público do país", e que esperam que "votem contra a PEC 32".

Assinam o documento, o deputado federal Emanuel Pinheiro Neto (presidente da Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado), a ADEPOL BR (Associação dos Delegados de Polícia do Brasil), a FENEME (Federação Nacional de Entidades de Oficiais Militares Estaduais), a FENASPEN (Federação Nacional dos Agentes Penitenciários), a COBRAPOL (Confederação Brasileira dos Trabalhadores Policiais Civis), o CONASSE (Conselho Nacional de Entidades Representativas de Trabalhadores e Servidores do Sistema Socioeducativo), a FENASSE (Federação Nacional dos Trabalhadores do Sistema Socioeducativo), a FENAGUARDAS (Federação Nacional das Guardas Municipais), a ADPF (Associação Nacional dos delegados de Polícia Federal), e a FENADEPOL-PF (Federação Nacional dos delegados de Polícia Federal).

Agricultores da Índia se levantam contra revogação do preço mínimo



Ato condena deportações e agressões EUA deporta 30 crianças brasileiras para o Haiti

Em meio à grave crise política, econômica, social e sanitária em que o Haiti se encontra mergulhado, o governo Joe Biden deportou à ilha 30 crianças brasileiras de até três anos – capturadas com seus pais haitianos quando tentavam entrar nos Estados Unidos.

Conforme a Organização Internacional para as Migrações (OIM), braço das Nações Unidas dedicado ao monitoramento do fluxo migratório ao redor do mundo, as crianças brasileiras são sobreviventes de uma longa jornada que fizeram do nosso país, atravessando as Américas do Sul e Central até chegar à divisa norte-americana há pouco mais de uma semana. Há também 182 crianças chilenas na mesma condição.

Vítimas de um terremoto que matou mais de duas mil pessoas e deixou outras seis mil desabrigadas, da falta de água e de vacinas contra a pandemia de Covid-19, os haitianos detidos por agentes estadunidenses da Patrulha da Fronteira neste ano já são pelo menos 29,6 mil – pois os dados ainda estão incompletos – número que supera em 6,5 vezes o total de 2020.

BIDEN ACELERA EXPULSÕES

Montados em seus cavalos, os cowboys estadunidenses capturaram a chicote e a laço na cidade texana de Del Rio no limite com o México, 15 mil haitianos nos últimos dias. Repetindo a fórmula Trump, Biden vem acelerando as deportações, em meio às denúncias das organizações de direitos humanos, da comunidade internacional, e até mesmo de representantes do seu governo e do partido que o elegeu.

Desde que a crise estourou, cerca de 3,5 mil pessoas já foram embarcadas em voos dos EUA para Porto Príncipe, a capital haitiana. O maior contingente está sendo expulso rapidamente, para não ser dado a eles qualquer chance de solicitar asilo ou refúgio.

A Constituição Federal do Brasil estabelece que por terem nascido em território nacional, mesmo que de pais estrangeiros, os filhos dos haitianos são também considerados brasileiros natos e detinham somente documentação brasileira ao serem encontrados e deportados pelos americanos.

De acordo com a Polícia Federal, entre 2010 e 2018, 130 mil haitianos vieram ao Brasil, onde se estabeleceram e formaram família. Nos últimos anos, principalmente durante o desgoverno Bolsonaro, a recessão brasileira multiplicou a fome e o desemprego, forçando muitos haitianos a abandonar o país.

Uma das inúmeras vítimas deste caos foi a haitiana Manite Dorlean, que, grávida de gêmeos, morreu afogada nas águas do Rio Grande em janeiro de 2021, depois de partir do Brasil ainda em 2019.

“CADA UM QUE CUIDE DO SEU HAITI”

Diante da situação, o governo brasileiro, segundo um integrante do Itamaraty se reuniu com o governo estadunidense e recusou o pedido de acolher haitianos. “Cada um que cuide do seu Haiti”, descreveu esse diplomata à reportagem.

A lei brasileira estabelece que o país é obrigado a repatriar — inclusive cobrindo os custos de viagem — cidadãos que estejam em risco no exterior e sem recursos para chegar ao Brasil.

O mais provável, relataram as autoridades, é que o número de menores brasileiros nessa situação aumente nos próximos dias, à medida em que mais aviões norte-americanos com milhares de deportados aterrissarem em Porto Príncipe.

Trabalhadores da Saúde do Uruguai fazem greve por reajuste salarial

Os trabalhadores da Saúde do Uruguai entram em greve nacional por 24 horas na quarta-feira (29). A paralisação foi acompanhada de uma concentração na capital, Montevidéu. Os trabalhadores da Saúde exigem reajuste salarial, melhoria das condições de trabalho e regulamentação de incentivos para o serviço, que foi decisivo no momento da Covid-19.

O presidente da Federação dos Funcionários de Saúde Pública (FSSP), Martín Pereira, declarou que o órgão sindical tem debatido a situação com os deputados e não houve modificações no projeto orçamentário, que deixou de incluir uma dotação de recursos para que a Administração dos Serviços de Saúde do Estado (ASSE) possa continuar a funcionar.

O também secretário-geral da Confederação Latino-americana e Caribenha de Trabalhadores do Estado, CLATE, e presidente da Confederação de Organizações de Funcionários do Estado (COFE) do Uruguai, afirmou que seu país vive “uma situação muito complexa, com um governo anti-nacional e um plano de ajuste, em que a variável de ajuste são os trabalhadores”.

O movimento reivindica ainda que o trabalho

dos agentes de saúde seja decretado insalubre, uma pensão especial para os familiares dos trabalhadores da saúde mortos pela Covid-19, cinco dias de licença extraordinária para todos os trabalhadores do setor.

Pereira disse que há incerteza quanto ao futuro de cerca de 4.000 profissionais contratados que dependem do Fundo Covid-19 e que são, no entanto, aqueles que permitem que a ASSE possa prestar um melhor atendimento.

A FSSP denuncia que houve uma perda salarial de 11% durante o Governo de Luis Lacalle Pou, que o número de usuários do sistema de saúde tem crescido sem um aumento orçamentário correspondente e que não há aumento de itens necessários para o tratamento de outros problemas de saúde, deixando tudo parado.

O presidente da Federação assinalou que durante o dia da greve o setor de Urgências e Emergências, a área de internação e os postos de vacinação permaneceram em funcionamento. “Em nenhuma das greves que fizemos a vacinação foi interrompida, isso ainda está de pé. Pode demorar mais, mas não paramos de vacinar em nenhum momento”, afirmou Pereira.



Agricultores bloquearam estradas e ferrovias em torno da capital Nova Delhi

Berlim, Friburgo, Londres, Paris, Madri e Lisboa têm atos contra Bolsonaro

As manifestações de repúdio ao governo de Bolsonaro se espalham pelo mundo. Na Alemanha, na capital Berlim, ativistas marcharam carregando faixas de ‘Fora Bolsonaro’; dezenas de pessoas saíram às ruas da cidade de Friburgo, com bandeiras do Brasil e cartazes pedindo o afastamento de Bolsonaro. Em Munique, manifestantes ocuparam as ruas defendendo a democracia no Brasil.

MADRI

Na Espanha houve atos na capital e em Sevilha. Em Madri, no teatro Del Barrio, ativistas da Associação Brasileira Maloka, organizaram um ato em repúdio ao governo. Na cidade de Sevilha também houve ato animado com batucada.

No ato em Paris, diante da Torre Eiffel, faixa exigia, “Abaixo Bolsonaro genocida”.

Na frente da Embaixada do Brasil em Londres pessoas defenderam “Bolsonaro Out!”

LISBOA

Em Lisboa, a maior das concentrações de apoio aos atos pelo impeachment de Bolsonaro no dia 2 de outubro aconteceu na Praça do Rocio. Segundo os organizadores, o ato concentrou cerca de 500 pessoas.

O ato do Rocio foi precedido por outro no Largo de Camões. Também houve manifestações nas cidades de Porto e Braga.

“O objetivo da nossa manifestação é apoiar o movimento #ForaBolsonaro no Brasil. Mesmo vivendo fora do país, estamos muito indignados com o que está acontecendo no Brasil, nomeadamente com a má gestão da pandemia de Covid-19 e agora com as denúncias



Faixas com “Fora Bolsonaro” em Londres e Berlim



Defesa da democracia na concentração em Friburgo



Em Portugal houve atos em Lisboa, Porto e Braga

de corrupção que estão surgindo” declarou ao Diário de Notícias a jornalista Cristina Bighetti, durante o ato na cidade de Braga.

“Decidimos juntar-nos para promover ações e apoiar os movimentos no Brasil” contra as políticas do Presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, disse ainda a jornalista.

“Queremos manifestar-nos contra as privatizações e o marco temporal das terras indígenas [que define que os indígenas só podem

manter as terras onde já estavam desde 5 de outubro de 1988], a luta contra o fascismo, entre outros pontos”, declarou Nádia Almeida, uma das organizadoras da manifestação que ocorreu no Porto.

Do ato no Rocio, em Lisboa participaram o coletivo Andorinha — Frente Democrática Brasileira em Lisboa, a Casa do Brasil de Lisboa, e Frente Internacional Brasileira Contra o Golpe e Pela Democracia.

Briga de milícias e invasão policial em prisão do Equador deixam 118 mortos

O morticínio da penitenciária de Guyaquil, com ao menos 116 mortos decapitados, esquartejados e queimados vivos — e 80 feridos —, terça-feira (28), é a pior da história do Equador e uma das mais terríveis da América Latina. Antes desta, outras duas, em fevereiro e julho, haviam matado em diferentes cárceres do país 79 e 22 presos respectivamente, já sinalizando o que estava por vir.

Embora cnicamente tenha declarado “Estado de Exceção” diante da “grave comoção interna”, o presidente Guillermo Lasso não tem como ignorar que o massacre é resultado do agravamento da crise econômica e social em que o país se vê jogado, da “austeridade” e do corte de recursos para prover o sistema penitenciário.

Conforme o próprio órgão governamental encarregado das prisões (SNAI), a falta de

investimentos faz que com que haja um déficit de 70% de profissionais encarregados de administrar verdadeiras jaulas, cada vez mais abarrotadas. “Há celas para 10 pessoas em que sobrevivem 30. Há pavilhões para 300 em que se encontram até 1.200”. As terríveis condições em que se veem jogados milhares de presos, foram agravadas recentemente pela pandemia, sem remédios ou atenção médica adequada.

Segundo o Comitê Permanente pelos Direitos Humanos (CDH), a capacidade carcerária equatoriana é de 28.500 pessoas e há cerca de 40 mil presos, o que representa uma superlotação de 30%. Levantamento do CDH aponta que apenas 7% são violentos e ligados ao narcotráfico, mas é esta minoria que pela inação ou cumplicidade do Estado dita as regras.

Passam pelo Equador anual-

mente, informam portais especializados como Insight Crime, 1.200 toneladas de cocaína, mais de um terço da crescente produção vinda da Colômbia para ser enviada aos Estados Unidos, Europa e Ásia.

Os números da apreensão dispararam 100% nos últimos anos e muitos especialistas interpretam que isso é um reflexo do aumento do tráfico: 47 toneladas em 2019, 48 em 2020 e 93 toneladas nos primeiros nove meses de 2021.

Assim, há uma batalha interna imensa entre gangues que controlam o tráfico dentro do Equador, disputando palma a palma o transporte, o armazenamento e o envio da droga ao estrangeiro. Estas milícias também estão nas penitenciárias, onde seguem na guerra pelo mais do que rentável negócio.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopo.com.br

Luta dos pequenos produtores é “para salvar o país da fome, do mercado negro e da inflação”, afirma Mukut Singh, líder dos protestos, no Estado de Uttar Pradesh

Agricultores de toda a Índia realizaram uma greve geral — ‘Bharat Bandh’ — para exigir a revogação das três leis impostas pelo regime Modi que eliminam a garantia de preço mínimo, liberam a pilhagem dos pequenos produtores pelos monopolistas do agronegócio e ameaçam a segurança alimentar do país.

“A resposta ao apelo à greve foi mais abrangente que antes. Foi histórica e sem precedentes”, frisou em comunicado a Samyukt Kisan Morcha (SKM), entidade guarda-chuva com mais de 40 associações de agricultores que convocou a paralisação nacional, acrescentando que “o povo da Índia está cansado da posição inflexível, irracional e egoísta de Modi sobre as reivindicações legítimas dos agricultores em luta”.

Com apoio das centrais sindicais, dos partidos de oposição e inclusive de governos estaduais, além das entidades estudantis e de mulheres, os agricultores bloquearam estradas e ferrovias e realizaram protestos. Em muitos lugares, escolas, bancos, serviços não-essenciais, comércio e repartições fecharam.

As principais manifestações ocorreram nos estados de Uttar Pradesh, Punjab, Haryana, Madhya Pradesh, Bengala Ocidental, Tamil Nadu, Bihar, Odisha, Andhra Pradesh, Telangana e Maharashtra. Até mesmo no estado de Gujarat, que o BJP partido de Modi, considera seu bastião, a paralisação foi registrada.

É a terceira greve geral dos agricultores em um ano e as conversas com o governo Modi estão paralisadas desde janeiro. A primeira paralisação foi realizada em dezembro de 2020, enquanto a segunda foi em março de 2021. O acampamento de agricultores às portas de Nova Delhi já dura dez meses.

“Os agricultores não lutam por si próprios, mas para salvar o país da fome, do mercado negro e da inflação. E o dever final de todo cidadão patriota apoiar o movimento dos agricultores”, afirmou Mukut Singh, um dos líderes dos protestos no estado de Uttar Pradesh.

Quase 60% da população indiana — que é a segunda maior do mundo — dependem da agricultura para sua subsistência. Tãmanha é a opressão sobre os pequenos produtores, que em apenas dois anos, 2018 e 2019, mais de 20 mil agricultores indianos endividados se suicidaram.

Segundo o jornalista P. Sainath, novos estudos mostram que 76% da população rural indiana não auferem o suficiente para pagar uma refeição nutritiva.

Os manifestantes também exigem que o governo recue do corte ou redução do subsídio da energia para os pequenos agricultores — outra imposição do FMI/Banco Mundial.

Há ainda a denúncia do Colégio dos Advogados de Delhi — a ‘OAB’ da capital indiana — de que um parágrafo da lei anti-agricultores virtualmente cassa o direito de defesa de quem quer que se sinta lesado em contrato assinado sob a lei, desde que o infrator [isto é, um monopolista] alegue ter agido de “boa fé”.

Os agricultores vêm sustentando essa luta num quadro em que a Índia se tornou um dos países mais afetados pela pandemia de Covid-19, com 33,6 milhões de contágios e mais de 446 mil mortos, oficialmente.

SOLIDARIEDADE

A SKM agradeceu o apoio de diferentes setores da sociedade indiana aos seus agricultores. “As centrais sindicais estiveram firmes com os agricultores”, destacou a entidade, que saudou a solidariedade recebida de associações de comerciantes e transportadores, de organizações estudantis e de mulheres, de associações de servidores públicos, e de

entidades de professores, escritores, jornalistas e artistas.

Expressando esse apoio da sociedade civil aos agricultores, Maimoona Mollah, da Associação de Mulheres Democráticas de Toda a Índia (AIDWA), disse ao portal indiano NewsClick que “em uma democracia, todos têm o direito de levantar suas vozes. No entanto, o governo Modi se recusa a ouvir. É por isso que os fazendeiros estão sentados fora de Delhi há quase um ano, mas o governo nem mesmo permite que eles entrem na cidade”.

“O que essas pessoas farão? Eles vão organizar repetidamente protestos como este, greves como esta, e forçar o governo a ouvi-los”, ressaltou. Ela acrescentou que Modi “está fazendo leis que resultarão na morte dos cidadãos mais pobres do país”, enquanto os monopolistas ficam cada vez mais ricos.

Ela denunciou também forças que integram o atual governo, pró-corporativas, comunistas e fascistas, “que devem ser derrotadas para salvar nossa Constituição democrática e nossa nação secular”.

IMPASSE

Por sua vez, o dirigente da central sindical AICTU, Singh, disse que o governo Modi “fez vista grossa aos agricultores, que protestam há dez meses. Cerca de 600 agricultores morreram nessa mobilização, mas o governo ainda insiste em não conversar sobre as leis agrícolas”.

A responsabilidade do regime Modi por essas mortes não passou despercebida durante os protestos, com líderes dos agricultores denunciando que durante a pandemia o governo “falhou miseravelmente e não pôde salvar vidas e meios de subsistência”.

O porta-voz nacional da União Bharatiya Kisan, Rakesh Tikait, disse ao NewsClick que o governo “cego e surdo não vê nem ouve” os agricultores que estão nas ruas há meses. “O governo não deve ter a ilusão de que os agricultores voltarão para casa de mãos vazias. Ainda hoje, eles insistem na exigência de revogação das leis agrícolas”.

A recente deriva de Modi, se aproximando de Washington, em contraste com a tradicional política externa indiana de não-alinhamento, também mereceu observações dos agricultores em luta.

“O primeiro-ministro está fazendo palestras ao mundo sobre direitos humanos. Ele não nos vê? Não temos direitos humanos? Ele não sabe que nossos 600 fazendeiros morreram sentados nas estradas? Ele não viu os corpos apodrecidos jogados no Ganges no período Covid? É ridículo dizer ao mundo que você realmente se preocupa com os direitos humanos”, indignou-se Suresh Koth.

Segundo o NewsClick, “ao longo dos dez meses de luta, as mobilizações dos agricultores serviram para expressar outras preocupações, reivindicações e exigências, ligadas às camadas populares na Índia. As privatizações de empresas estatais, a inflação, o aumento do preço dos combustíveis, o desemprego e a repressão sobre manifestantes foram algumas delas”.

Essa resistência às no-civas ‘reformas’ revela que há, na Índia, forças capazes de se opor a um governo que tem promovido incessantemente o chauvinismo hindu contra os muçulmanos e outras minorias, e incita divisões étnicas, comunais e de casta. Enquanto a Índia se arrasta na 129ª posição no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), está em quinto lugar no placar mundial de bilionários [em dólares], sendo a número seis do mundo por PIB nominal.

EUA superam 700 mil mortes por Covid-19

Os Estados Unidos superaram na sexta-feira (1) a marca de 700.000 mortes por covid-19, conforme dados da Universidade Johns Hopkins. Em termos absolutos, os EUA somam 700.258 mortes, o número mais elevado do mundo.

O Brasil é o segundo país do mundo com mais óbitos causados pelo novo coronavírus, são 597.255 mortes, segundo a Johns Hopkins. Em seguida, a Índia aparece como a terceira nação mais afetada em mortes pela doença: são 448.339 óbitos já registrados.

Os EUA têm menos de 5% da população mundial, mas respondem por 14,5% das mortes por covid-19 oficialmente notificadas. Estima-se que 70 milhões de norte-americanos elegíveis continuam sem se vacinar contra a doença, fornecendo à variante delta, um terreno fértil para continuar a proliferar no país.

Apesar da disponibilização de vacinas, o país ainda tem um alto índice de pessoas que ainda não tomaram sequer a primeira dose devido às campanhas anti-vacina do negacionismo trumpista, principalmente. Os Estados Unidos também enfrentam outro surto de infecções, hospitalizações e mortes alimentadas pela variante Delta – altamente transmissível e em grande parte impulsionada por pessoas não vacinadas.

Durante o período inicial da pandemia, sob a administração Trump, o negacionismo predominou largamente, com o presidente em campanha permanente contra uso de máscaras e afastamento social, além da ausência de uma política nacional para enfrentar o vírus. Ainda sob Trump, foram realizadas campanhas de vacinação, que, contudo, perderam força com a rejeição de parte da população em se vacinar, marcadamente nos estados onde o ex-presidente tem mais peso eleitoral.

Atualmente o governo Biden tem afirmado que essa é, agora, uma “pandemia dos não vacinados”. Défeto, dos 100 mil mortos por Covid desde junho último, apenas cerca de 2 mil tinham sido vacinados.

No momento, 64% da população americana, ou seja, 215 milhões de pessoas, recebeu ou menos uma dose das três vacinas autorizadas no país, segundo as autoridades de saúde.

Vários governadores republicanos, como os do Texas e da Flórida, tentaram proibir a obrigação de uso da máscara com base no suposto respeito pelas liberdades individuais. Em contraste, na Califórnia, vacinações obrigatórias para todos os estudantes foram anunciadas na sexta-feira (1).

O primeiro caso de infecção pelo coronavírus nos EUA foi confirmado em 21 de janeiro de 2020, em um homem de cerca de 30 anos que havia retornado de Wuhan, na China. Já a primeira morte foi registrada em 6 de fevereiro de 2020, uma mulher de 57 anos.

O país atingiu a marca de 100 mil vidas perdidas pela covid-19 em maio do ano passado. O número dobrou em setembro, e em dezembro os EUA superaram 300 mil mortes. Já no mês seguinte, em 19 de janeiro, foi alcançada a marca de 400 mil óbitos. Em fevereiro de 2021, o país superou a contagem de 500 mil mortes.

Ao todo, o mundo já registrou mais de 234 milhões de casos confirmados de infecção pelo coronavírus, e se aproxima rapidamente da marca de 4,8 milhões de mortes, segundo a contagem da Johns Hopkins.

Youtube censura canais de notícias do portal Rússia Today em alemão

A decisão do Youtube de proibir a veiculação de dois canais em alemão do portal Rússia Today (RT) com mais de 600 mil inscritos foi denunciada por sua direção como tentativa de retomada dos métodos utilizados por Washington durante a Guerra Fria.

Embora a proibição tenha sido emitida por uma empresa privada sediada nos Estados Unidos – que alegou supostas “violações de diretrizes” –, a RT a vê como parte de uma agressão mais ampla de sufocar a mídia russa sob o pretexto de combater a desinformação. Líderes alemães afirmam que não teve nada a ver com a censura.

A Youtube é condenada por “uma declaração completa de guerra da mídia contra a Rússia pela Alemanha”, de acordo com a editora-chefe da RT, Margarita Simonyan.

O regulador de mídia russo, Roskomnadzor, disse que Youtube pode sofrer uma possível proibição no país por discriminar um meio de comunicação russo. O Ministério das Relações Exteriores da Rússia também declarou que reagirá “de maneira apropriada”.

Willy Wimmer, que atuou como legislador da CDU (União democrata cristã) de Angela Merkel no Bundestag por mais de três décadas e ocupou o cargo

de vice-presidente da OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa), expressou sua reação negativa à medida, dizendo que ela atenta contra a paz mundial. Para Wimmer, esta é uma “maneira astuta” de colocar a Alemanha contra a Rússia, opinou. “Isso aconteceu duas vezes no século passado e gerou uma grande tragédia, e não apenas para as relações entre nossos povos”, alertou.

“Se o RT é tão popular na Alemanha, então, de acordo com os princípios do mercado, ele fala a favor do RT. O canal oferece jornalismo de alta qualidade, não interpreta mal as palavras das pessoas, mostra conexões importantes e representa uma ampla gama de opiniões”, frisou Wimmer. Esta conduta, acrescentou, “me lembra os piores tempos da história alemã. O que esses tempos trouxeram para outras pessoas, eu nem quero falar”.

Anteriormente, a RT já havia sido pressionada por bancos alemães, que se recusaram a fazer o serviço ou apresentaram taxas de cobranças excessivamente altas. O canal russo também havia sido acusado de espalhar desinformação pela mídia local, o que o levou a se defender com sucesso no processo por difamação no tribunal.

China comemora os 72 anos da fundação da República Popular



Cerimônia de fundação da República Popular da China em 1º de Outubro de 1949

Governo Trump planejou assassinar Assange, revela o site Yahoo News

“Em 2017, quando Julian Assange começou seu quinto ano abrigado na embaixada do Equador em Londres, a CIA planejou sequestrar o fundador do WikiLeaks, gerando um acalorado debate entre funcionários do governo Trump sobre a legalidade e praticidade de tal operação”, narram os jornalistas Zach Dorfman, Sean D. Naylor e Michael Isikoff em reportagem publicada no portal Yahoo News.

A informação tem por base conversas com mais de 30 ex-funcionários da administração do ex-presidente Trump – oito dos quais descreveram detalhes –, revelando que a Agência Central de Inteligência (CIA), sob ordens do então ex-secretário de Estado dos EUA e braço direito de Trump, Mike Pompeo, teria discutido o assassinato ou sequestro de Julian Assange, fundador do site WikiLeaks, enquanto este era refugiado na embaixada do Equador em Londres.

O relatório também apontou que a Casa Branca, em parceria com o governo do Reino Unido, estaria se preparando para se envolver até em um conflito nas ruas britânicas com qualquer agente russo, caso tentassem ajudar Assange a fugir do país.

Após a divulgação desse relatório, a Fundação Liberdade de Imprensa (Freedom of the Press Foundation) publicou uma declaração chamando a CIA de “uma vergonha”, e acrescentando que “o fato de ter considerado e se envolvido em tantos atos ilegais contra o site WikiLeaks, seus associados e até mesmo outros jornalistas premiados, é um escândalo flagrante que deveria ser investigado pelo Congresso e pelo Departamento de Justiça [dos EUA]”.

“A prisão do fundador do WikiLeaks manchou a reputação



Manifestantes, diante da prisão de Belmarsh, exigem liberdade para Assange e condenam tentativa de extradição aos Estados Unidos (RCG)

do Reino Unido como defensor da liberdade de imprensa”, declarou o diretor do site, Kristinn Hrafnsson.

Em 2019, Assange foi retirado à força da embaixada equatoriana, onde se encontrava exilado, pela Polícia Metropolitana de Londres e enviado para prisão de segurança máxima de Belmarsh, onde permanece até hoje enquanto o governo norte-americano insiste na sua extradição aos EUA.

“As discussões sobre o sequestro ou assassinato de Assange ocorreram nos escadões mais altos” do governo Trump, disse um ex-oficial da espionagem.

As conversas faziam parte de uma campanha sem precedentes dirigida contra o WikiLeaks e seu fundador por parte da CIA, cujos planos incluíam espionagem extensiva sobre os associados do WikiLeaks e o roubo dos seus dispositivos eletrônicos.

“Como cidadão ameri-

cano, acho absolutamente ultrajante que nosso governo esteja pensando em sequestrar ou assassinar alguém sem qualquer processo judicial simplesmente porque ele publicou informações verdadeiras”, disse Barry Pollack, advogado de Assange nos Estados Unidos, ao Yahoo News.

Mike Pompeo, que foi diretor da CIA de 23 de janeiro de 2017 a 12 de março de 2018, e depois secretário de Estado do governo Trump, liderou as tentativas de vingança em relação a Assange. “A fúria da CIA com o WikiLeaks levou Pompeo a descrever publicamente o grupo em 2017 como um ‘serviço de inteligência hostil não estatal’”, narra a reportagem. Essa designação abriu as portas para os agentes da CIA se tornarem ainda mais agressivos, disseram ao Yahoo News ex-funcionários da espionagem.

Leia a matéria completa em www.horadopovo.com.br

Estudo do Instituto Pasteur acha vírus similar ao da Covid e reforça origem natural da doença

Virologistas do Instituto Pasteur, da França, em conjunto com pesquisadores do Laos, descobriram três vírus em morcegos no país do sudeste asiático que são mais semelhantes ao SARS-CoV-2 [que causa a Covid-19] do que qualquer vírus conhecido.

Em três espécies de morcegos ferradura (Rhinolophus), eles encontraram vírus que são mais de 95% idênticos ao SARS-CoV-2, que eles chamaram de BANAL-52, BANAL-103 e BANAL-236. Marc Eloit, do Instituto Pasteur em Paris, e seus colegas na França e no Laos, coletaram amostras de saliva, fezes e urina de 645 morcegos em cavernas no norte do país asiático.

Como assinalaram os pesquisadores, os novos vírus contêm domínios de ligação ao receptor que são quase idênticos aos do SARS-CoV-2 e, portanto, podem infectar células humanas. O domínio de ligação ao receptor permite que o SARS-CoV-2 se ligue a um receptor chamado ACE2 na superfície das células humanas.

A descoberta, segundo os cientistas, reforça as afirmações de que o vírus da Covid-19 tem uma origem natural, o que refu-

taria a suspeita de que o novo coronavírus foi criado em laboratório. Os resultados do estudo, ainda não revisado por pares, foram publicados na Research Square.

“Quando o SARS-CoV-2 foi sequenciado pela primeira vez, o domínio de ligação ao receptor não se parecia com nada que tínhamos visto antes”, disse Edward Holmes, virologista da Universidade de Sydney, na Austrália, à Nature Magazine. Daí as especulações sobre o ‘vírus criado em laboratório’.

“EXISTEM NA NATUREZA”

Mas – como salientou Holmes – os vírus do Laos confirmam que essas partes do SARS-CoV-2 “existem na natureza”.

A mesma publicação, o virologista Linfa Wang, da Duke – NUS Medical School em Cingapura, se disse “mais convencido do que nunca de que o SARS-CoV-2 tem uma origem natural”.

Em uma etapa posterior, Eloit e equipe mostraram em laboratório que os domínios de ligação ao recep-

tor desses vírus poderiam se ligar ao receptor ACE2 em células humanas de forma tão eficiente quanto algumas variantes iniciais do SARS-CoV-2.

O BANAL-52 é 96,8% idêntico ao SARS-CoV-2, diz Eloit – e todos os três vírus recém-descobertos têm seções individuais que são mais semelhantes às seções do SARS-CoV-2 do que qualquer outro vírus.

Por outro lado, os vírus do Laos não contêm o chamado local de clivagem da proteína spike, que auxilia ainda mais na entrada do SARS-CoV-2 e de outros coronavírus nas células humanas.

No ano passado, os pesquisadores descreveram outro parente próximo do SARS-CoV-2, chamado RaTG13, que foi encontrado em morcegos em Yunnan, na China. Ele é 96,1% idêntico ao SARS-CoV-2 em geral, e os dois vírus provavelmente compartilharam um ancestral comum há 40-70 anos, segundo os pesquisadores.

Leia mais no site do HP

O líder Mao Tse Tung proclamou a RPC e anunciou ao mundo que “o povo chinês se pôs de pé”, coroando a vitória da Revolução e o fim de um século de devastação imposto por potências coloniais

Mais de 10 mil pessoas se reuniram na Praça Tiananmen, em Pequim, na sexta-feira, 1º de outubro, para participar do hasteamento da bandeira chinesa e cantar o hino nacional, como parte das comemorações do 72º aniversário da fundação da República Popular da China.

Foi nesse dia, em 1949, que o líder Mao Tse Tung proclamou a fundação da RPC e anunciou ao mundo que “o povo chinês se pôs de pé”, coroando a vitória da Revolução e o fim de um século de devastação e humilhação trazidos pelas potências coloniais estrangeiras, depois de epopeias como a Longa Marcha e a guerra contra a ocupação fascista japonesa.

72 anos depois, na concretização do sonho do renascimento nacional chinês, a China socialista se tornou a ‘fábrica do mundo’, a maior economia do planeta por paridade de poder de compra e a segunda pelo critério convencional e, ainda, o maior parceiro comercial da maioria dos países.

Concluiu a construção de uma sociedade moderadamente próspera e extinguiu a pobreza extrema; atingiu um nível educacional e científico de ponta e desenvolveu a cultura e o esporte, e se colocou como meta tornar-se um país socialista moderno.

Está a passos largos de dominar a alta tecnologia, da computação quântica à Inteligência artificial, passando pela exploração espacial.

Tudo isso, sem guerras de agressão e sem interferência nos assuntos internos de outros países. Tem sido um país decisivo na contenção da pandemia de Covid-19, especialmente com as vacinas, e no apoio aos países mais pobres afetados. Está desenvolvendo um projeto de infraestrutura da atualidade. Assumiu um papel de liderança no enfrentamento da questão ambiental. Ampliou a relação estratégica com a Rússia, como garantia da paz no mundo, e tem sido um baluarte na defesa do multilateralismo, da Carta da ONU e das relações ganha-ganha entre os países. Mais: propôs aos povos do mundo trabalhar por uma comunidade de futuro compartilhado para a humanidade.

Na véspera, o Conselho de Estado da China realizou uma recepção no Grande Salão do Povo em Pequim para comemorar a data, com a presença do presidente Xi Jinping e dos dirigentes Li Keqiang, Li Zhanshu, Wang Yang, Wang Huning, Zhao Leji, Han Zheng e Wang Qishan, bem como quase 500 convidados nacionais e estrangeiros. Este ano marca, também, o centenário do nascimento do Partido Comunista da China.

Discursando na recepção, o primeiro-ministro Li assinalou que, sob a liderança do PCCh, a China alcançou um desenvolvimento notável que atraiu a atenção do mundo, especialmente concluindo a construção de uma sociedade moderadamente próspera em todos os aspectos e em-

barcando na nova busca para construir um país socialista moderno.

Observando que este ano é o primeiro no período do 14º Plano Quinquenal da China (2021-2025), Li afirmou que a China, sob a forte liderança do PCCh e do presidente Xi Jinping, coordenou a resposta à epidemia com o desenvolvimento econômico, e tem respondido com efetividade ao complexo e grave ambiente internacional.

O desempenho econômico da China tem desfrutado de recuperação e crescimento sustentados, e o padrão de vida das pessoas continua melhorando, disse Li.

“Em nosso caminho à frente, ainda enfrentaremos muitas dificuldades e desafios, e a jornada para alcançar a meta do segundo centenário [o país socialista moderno] continua longa”, assinalou o primeiro-ministro, enfatizando que “a base e a chave” para superar todos os desafios “é o desenvolvimento”.

REFORMA E ABERTURA

Para fomentar um novo paradigma de desenvolvimento e promover um crescimento de alta qualidade, Li chamou a manter o foco na inovação científica e tecnológica, na expansão da demanda doméstica e revitalização rural, apontou a importância de manter o controle de epidemias, e reiterou como política estatal fundamental da China a “reforma e abertura”.

Li destacou a necessidade de melhorar continuamente o bem-estar das pessoas e garantir a estabilidade e prosperidade a longo prazo. Uma série de medidas deve ser tomada para criar mais empregos, promover a igualdade de oportunidades, estimular o empreendedorismo e a inovação e aumentar a renda pessoal urbana e rural, acrescentou.

Li pediu esforços para implementar plenamente os princípios de “um país, dois sistemas” em Hong Kong e Macau, que promovam o desenvolvimento e progresso comuns de Hong Kong, Macau e o continente, salvaguardando a soberania e a segurança.

Li enfatizou a defesa do princípio de Uma Só China e do Consenso de 1992, e instou a promover o desenvolvimento pacífico das relações entre o Estreito e a reunificação nacional para o benefício da população do Estreito de Taiwan.

Li conclamou as pessoas de ambos os lados do Estreito de Taiwan a fazer esforços conjuntos para alcançar o rejuvenescimento nacional, e se opondo a qualquer atividade separatista e interferência externa.

Ao concluir, ele reiterou que a China intensificará o intercâmbio e a cooperação com outros países para enfrentar conjuntamente os desafios globais e promover a recuperação e o crescimento da economia mundial.

A partir deste feriado de sexta-feira, começa também a Semana Dourada, que visa promover o turismo interno e dar mais tempo às visitas de parentes distantes.

Por que a esquerda deve empunhar a Bandeira Nacional e vestir suas cores

Se vamos retomar nossa nação das mãos dos traidores colonialistas, temos de retomar nossos símbolos. Temos de purificar o templo da Pátria dos ares empesteados de uma gente que odeia a própria carne. Temos de resgatar a noção de que o Brasil é nosso e que nossa Nação tem uma missão

ARTHUR SILVA (*)

Breno Altman disse em tuíte que seria um “tiro no pé” se a esquerda portasse os símbolos nacionais nas manifestações do dia 02/10 contra o governo colonial de Paulo Guedes e do mercado financeiro. Segundo o ideólogo petista ligado a José Dirceu, o erro estaria no embaralhamento das identidades, já que nas manifestações os bolsonaristas teriam se apropriado da camisa da Seleção Brasileira e da Bandeira Nacional, enquanto a esquerda teria construído sua imagem ao redor da cor vermelha.

Breno Altman não poderia estar mais errado.

O Imperialismo não é “mais uma opressão” em paralelo com as demais mazelas que flagelam os marginalizados. Ela é a contradição central que explica e estrutura não só de tudo que há no Brasil, mas em todo o mundo. O Imperialismo é a forma acabada do capitalismo, manifestação do seu desenvolvimento no espaço e no tempo. É o meio pelo qual esse modo de produção por definição instável consegue um equilíbrio sempre precário e provisório, explorando a periferia mundial por meio do colonialismo direto, como o praticado pelos Estados Unidos em Porto Rico ou no Panamá, ou pelos meios indiretos do neocolonialismo, como as finanças mundiais, as transnacionais e a dependência tecnológica.

Foi o imperialismo que desestabilizou o Brasil lançando-nos em uma era de desordem e de caos para tomar nossas tecnologias e destruir nosso tecido industrial. As palhaçadas de Bolsonaro são mera espuma da superfície – e, no limite, distração – enquanto os fundos de investimento e as transnacionais tomam nossa cadeia de óleo e gás, arrebentam com nossa construção civil, desarticulam nossa indústria naval e tantos outros segmentos nos quais o Brasil é protagonista mundial. A destruição dos direitos trabalhistas, a superexploração no mercado informal, a guerra de irmão contra irmão na tragédia que é a segurança pública em nossas cidades são várias faces dessa desarticulação do país.

Mas esse problema central não aparece no debate público. A questão nacional foi sistematicamente apagada das discussões, substituída por um profundo individualismo. O debate político foi reduzido a uma *egotrip* em que cada um vive um falso épico de si mesmo se expondo nas redes sociais e acreditando veementemente que seu estilo de vida “pisando na cara da sociedade” é transgressor, sob os efusivos aplausos da Faria Lima e de Wall Street que abertamente patrocinam essa pseudo-rebelião.

O erro de Breno Altman não é isolado. Muito pelo contrário, é expressão de toda a ideologia petista e da esquerda dos anos 1980, que sistematicamente abandonou o nacionalismo e o



partido leninista em favor de um horizontalismo individualista inspirado em uma versão idealizada do Maio de 1968 na França.

Os materiais produzidos pelo PT “original” dos anos 1990 são cristalinamente claros dessa ideologia. A agenda da CUT sempre foi fortemente hostil à estrutura sindical da CLT, principalmente contra a unicidade e a contribuição sindical, esteios da organização da classe trabalhadora brasileira. A crítica do populismo era parte da teoria petista desde Francisco Weffort passando por Florestan Fernandes e criou-se no meio da esquerda uma atitude flagrantemente negativa em relação à história nacional. É a versão de esquerda do neoliberalismo triunfante dos anos 70 e 80, que rejeitaram o “entulho autoritário” do socialismo real e do terceiro mundismo.

Esse apagamento da questão nacional não é somente fruto de uma ideologia difundida no seio da militância, com forte apoio de ONGs como a Ford Foundation que sempre apoiou o CEBRAP, órgão de pesquisa abertamente contrário ao legado varguista. Também é parte de uma agenda política de um sectarismo consciente que visa isolar a esquerda na política nacional e colocar todas as organizações como vassalas do PT. O objetivo é claro: mais uma vez dançar à beira do abismo para garantir a hegemonia petista sobre o resto da esquerda.

A tática está sendo eficiente. Em trocas de migalhas em comunicação nas redes sociais, o PT foi capaz de submeter o PSOL e destruir uma das poucas vozes críticas ao neoliberalismo petista à esquerda. O PSOL segue o caminho trilhado pelo PCdoB, que quase deixou de existir como partido independente sob o peso da hegemonia petista. O PDT junto de alguns outros partidos e organizações são as únicas vozes dissonantes criticando o PT à esquerda, denunciando o caráter neoliberal e entreguista dos governos de Lula e Meirelles.

Se não bastasse esse contexto e esse objetivo, há dois erros importantes no argumento de Breno Altman. Primeiro, diz o blogueiro petucano que nossa bandeira seria determinada pelas cores das famílias reais europeias.

Essa violência contra a história do Brasil está errada factual e politicamente. Factualmente, porque nossa bandeira é muito mais fruto da luta dos positivistas contra a escravidão do que de nosso passado colonial. O lema “Ordem e Progresso” incorpora a influência dessa ideologia que, com seus limites, procurou moldar a



O imperialismo que nos assalta deu projeção à figura execrável do velho da Havan, que busca em vão compensar seu flagrante anti-nacionalismo com patéticas roupas verde-amarelas. Essa personagem abominável é o símbolo sintético de todo anti-nacionalismo do bolsonarismo. Seu verdadeiro símbolo é a cafonice das estátuas da liberdade na frente das suas lojas



Embora em um movimento ainda tímido, a bandeira e o verde e amarelo já se mostraram mais presentes nas últimas manifestações pelo impeachment de Bolsonaro (foto: Gui Frodu)

consciência coletiva de que nossas mazelas, inclusive a escravidão, eram fruto de nossa inserção subordinada na economia mundial. Não à toa a briga de Teixeira Mendes para que os direitos trabalhistas fossem esculpidos na constituição de 1891, luta que, caso vitoriosa, teria feito do Brasil o primeiro país a fazê-lo, a frente do México. As cores foram preservadas porque os positivistas eram minoria no processo da proclamação da República e da Abolição – diríamos, hoje, radicais de fato e não retoricamente. Mas além disso, foi o modo pela qual a história encontrou para preservar o legado de José Bonifácio e de D. Pedro I, que mantiveram a unidade do território nacional, esteio de nossa luta anti-imperialista. Para ver a importância dessa unidade, basta ler historiadores latino-americanos como Túlio Halperin Donghi e a “inveja” que eles têm do Brasil ter sido capaz de manter todo seu território ao longo do

processo de independência.

Politicamente, descon sidera que a bandeira do Brasil se tornou símbolo nas mãos da organização da esquerda armada como o MR-8, a ALN (que reivindicava também a figura de Tiradentes e dos Inconfidentes) e diversos outros partidos e coletivos anti-imperialistas ao longo da história brasileira. E essas organizações estavam certas nesse aspecto: ao reclamar para si o pavilhão nacional, mostravam a universalidade de seus objetivos e como sua luta estava profundamente imbricada com as questões cotidianas de todos os brasileiros. Em hipótese alguma foi símbolo “exclusivo” do imperialismo. Muito pelo contrário: foi empunhada por todos os próceres da luta pela Libertação Nacional, sobretudo Vargas e Brizola.

Mas o segundo erro de Breno Altman é o mais grave. O *influencer* diz que portar os símbolos nacionais levaria a uma confusão de

identidades que atrapalharia a mobilização. Seriam confundidas as identidades de esquerda e de direita.

O que de verdade atrapalha a mobilização é o completo esquerdismo que esse suposto radicalismo retórico carrega. É buscar apostar nesse isolacionismo cuja única razão de existir é assegurar a hegemonia petucana sob o minguante eleitorado de uma classe média esclarecida. Pior: apostar na fetichização de símbolos no lugar de efetiva organização – sempre vista como “entulho stalinista”.

A consequência disso é uma esquerda descolada da realidade nacional. Descolada subjetivamente porque odeia a história do próprio país e só é capaz de cultuar outros processos emancipatórios, ignorando a si mesma – e isso é alienação em sentido estrito. Mas muito mais descolada objetivamente, porque é incapaz de compor com todas as frações da classe trabalhadora nesse imenso país heterogêneo, apostando numa base formada por uma fração da classe média e da classe trabalhadora cada vez mais estreita e focada somente nas grandes cidades sudestinas.

Todo esse discurso de Breno Altman é de uma hipocrisia gritante, porque enquanto o blogueiro diz que não devemos nos confundir com a direita, todo mercado financeiro sabe que Lula é seu candidato dos sonhos, porque garantiria a segurança jurídica das privatizações e os interesses da Faria Lima – afinal foram 13 anos de governo assim. Nem precisamos falar sobre Haddad ou Marcos Lisboa.

No entanto, o descolamento e a hipocrisia nem são o elemento mais crucial do erro de Altman e do petismo.

Álvaro Vieira Pinto disse que uma nação é um mais-ser: é um projeto coletivo que, ao se desejar, engendra seu próprio movimento. Não existe nação sem ser um sujeito coletivo que vai de um ponto ao outro; a nação é uma missão, construída objetiva e subjetivamente por todos.

Ao apagar a categoria de nação, Breno Altman apaga também a possibilidade de

emergência desse sujeito coletivo. Não é à toa: todo o sentido da ideologia profundamente individualista da esquerda dos anos 80 caminha nesse sentido. No limite, tudo se liga a esse apagamento da história e da totalidade, a guerra contra as “meta-narrativas” dos pós-modernos. É um niilismo que nada tem de progressista.

É a outra metade do bolsonarismo, fenômeno que pode ser resumido no aspecto subjetivo como uma humilhação de nossos símbolos nacionais. Quando Alexandre Magno conquistou Tiro, fez questão de sacrificar um touro em homenagem a Hércules no principal templo da cidade fenícia. Era o modo inequívoco de dizer que a orgulhosa Tiro, que não se curvara nem mesmo frente ao Xá da Pérsia, agora perteria aos gregos.

O imperialismo que nos assalta deu projeção à figura execrável do velho da Havan, que busca em vão compensar seu flagrante anti-nacionalismo com patéticas roupas verde-amarelas. Essa personagem abominável é o símbolo sintético de todo anti-nacionalismo do bolsonarismo. Seu verdadeiro símbolo é cafonice das estátuas da liberdade na frente das suas lojas.

Breno Altman está errado. O verdadeiro tiro no pé que a esquerda poderia dar é entregar de bandeja nossos símbolos nacionais para esses traidores que odeiam o Brasil.

Se vamos retomar nossa nação das mãos dos traidores colonialistas, temos de retomar nossos símbolos. Temos de purificar o templo da Pátria dos ares empesteados de uma gente que odeia a própria carne. Temos de resgatar a noção de que o Brasil é nosso e que nossa Nação tem uma missão:

Libertar a si mesmo, toda a América Latina e o Terceiro Mundo do jugo do Imperialismo.

(*) *Servidor Público do Estado de São Paulo. Graduado em Ciências Sociais pela FFLCH/USP. Pesquisa Teoria da Dependência e História Brasileira. Artigo publicado originalmente no Portal Disparada.*